

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL

JENNIFER LAÍS DA SILVA SAMUEL MENDES
NILZALINA RAIMUNDO BELIZARIO

**EMPREENDEDORISMO INDÍGENA: O ARTESANATO COMO VALORIZAÇÃO
CULTURAL E GERAÇÃO DE RENDA, NOS MUNICÍPIOS DE AQUIDAUANA E
MIRANDA/MS.**

AQUIDAUANA-MS

2024

JENNIFER LAÍS DA SILVA SAMUEL MENDES
NILZALINA RAIMUNDO BELIZARIO

**EMPREENDEDORISMO INDÍGENA: O ARTESANATO COMO VALORIZAÇÃO
CULTURAL E GERAÇÃO DE RENDA, NOS MUNICÍPIOS DE AQUIDAUANA E
MIRANDA/MS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência do curso de Bacharel em Administração, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Professora Mariana Aparecida Euflausino dos Santos Vieira.

AQUIDAUANA - MS

2024



ATA DE APROVAÇÃO / APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (TCC) 2024

No dia 30 do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro, as acadêmicas JENNIFER LÁIS DA SILVA SAMUEL MENDES e NILZALINA RAIMUNDO BELIZARIO apresentaram o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) intitulado " **EMPREENDEDORISMO INDÍGENA: O ARTESANATO COMO VALORIZAÇÃO CULTURAL E GERAÇÃO DE RENDA, NOS MUNICÍPIOS DE AQUIDAUANA E MIRANDA/MS.** " para a banca examinadora composta pelas professoras infra-assinadas, que consideraram o trabalho **aprovado com modificações**. A aprovação final no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) também está condicionada ao envio do TCC no formato pdf no Sistema Acadêmico (Siscad) e para o e-mail da Coordenação do Curso de Administração, até o dia 10/12/2024.

As principais observações requeridas pela banca foram:

- Alterações necessárias apontadas pela banca e que constam nos arquivos enviados pelos membros da banca para o discente.

Banca Examinadora:

- Presidente: Profa. Dra. Mariana Aparecida Euflausino dos Santos Vieira
- Membro: Profa. Dra. Ana Grazielle Lourenço Toledo
- Membro: Profa. Dra. Gercina Gonçalves da Silva

Acadêmicas:

JENNIFER LÁIS DA SILVA SAMUEL MENDES

NILZALINA RAIMUNDO BELIZARIO

Aquidauana, 30 de novembro de 2024.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Aparecida Euflausino dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 16:23, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Nilzalina Raimundo Belizario, Usuário Externo**, em 10/12/2024, às 16:29, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Gercina Goncalves da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 23:01, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Jennifer Laís da Silva Samuel Mendes, Usuário Externo**, em 11/12/2024, às 15:17, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Ana Grazielle Lourenço Toledo, Professora do Magistério Superior**, em 11/12/2024, às 16:09, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5313866** e o código CRC **2BBCFBE6**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (BACHARELADO)

Rua Oscar Trindade de Barros, 740 - Bairro da Serraria

Fone:

CEP 79200-000 - Aquidauana - MS

Referência: Processo nº 23450.000107/2020-15

SEI nº 5313866

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaríamos de expressar a nossa profunda gratidão à Deus, agradecer pela vida, sabedoria, proteção e orientação ao longo de toda nossa jornada.

Um agradecimento especial à família, que é a nossa base. Em meio a altos e baixos, foram pessoas importantes e essenciais para que pudéssemos concluir essa etapa. Saibam que vocês são a nossa fonte de força e inspiração. Que possamos continuar caminhando juntos, celebrando mais conquistas e superando novos desafios.

Agradecemos imensamente à nossa querida orientadora, Mariana Euflausino, uma pessoa incrível e especial. Agradecemos pelos conselhos e, principalmente, por acreditar em nós. Mesmo diante de tantas responsabilidades na universidade, sempre se mostrou disponível e nos apoiou em cada etapa da construção do nosso trabalho.

Agradecemos a todo o corpo docente do curso de Administração do Campus de Aquidauana, profissionais incríveis que compartilharam conosco seus conhecimentos, tiveram paciência e nos ajudaram a evoluir cada vez mais. Queremos expressar nossa admiração e gratidão a nossos queridos professores: Daniela Philippi, Karoline Kinoshita, Eduardo Corneto, Kossi Ezou, Isadora Bacha, Gercina Gonçalves e José Alexandre. Vocês são profissionais excepcionais que inspiraram e enriqueceram nossa formação acadêmica. Agradecemos por cada ensinamento e por todo o apoio recebido ao longo dessa jornada.

Agradecemos aos queridos artesãos dos municípios de Aquidauana e Miranda, que nos receberam de coração aberto e contribuíram de maneira fundamental para a realização deste trabalho. Sem a colaboração de vocês, este projeto não teria sido realidade. Vocês são pessoas que nos inspiram a continuar lutando pelo bem comum e a valorizar a riqueza cultural presente na nossa região.

Agradecemos também a força espiritual dos nossos ancestrais, que sempre acreditaram que nosso povo poderia alcançar seus objetivos. Que possamos sempre honrar nossas raízes, tradições e valores, mantendo viva a nossa cultura e identidade.

Agradecemos o time Enactus Aquidauana pelo projeto que desenvolvemos juntos ao longo deste tempo. Às pessoas especiais que entraram em nossas vidas, pelas viagens memoráveis, pelos momentos descontraídos e até pelos desafios que encontramos. Estar com vocês nesse projeto foi extremamente importante para nós, pois nos permitiu desenvolver novas habilidades e criar laços de amizade e colaboração.

Aínapo Yakoe Itukó'oviti! (Obrigado, Deus!)

“Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem é você e para onde vai”

Ailton Krenak

RESUMO

A produção do artesanato indígena é considerada uma prática importante para preservar e fortalecer a cultura dos povos originários, uma vez que são saberes provindas de um conhecimento ancestral, que foi passado de geração em geração. Contudo, também é um meio na qual muitos artesãos adquirem uma renda complementar que ajuda no sustento familiar e no desenvolvimento econômico de suas comunidades. O presente trabalho teve como objetivo conhecer a percepção de artesãos indígenas sobre aspectos socioculturais, ambientais e econômicos relacionados à prática do empreendedorismo indígena na região de Aquidauana e Miranda/MS. O método utilizado foi a investigação exploratória e análise de dados quali-quantitativo, com dados primários coletados por meio de um questionário de pesquisa. Foram contabilizadas 64 respostas com artesãos indígenas da região de Miranda das etnias Terena e Kinikinau das aldeias: Cachoeirinha, Lalima, Passarinho, Babaçu, Lagoinha, Kai’Koe, Mãe Terra e Argola. Por outro lado, 30 respostas com artesãos da região de Aquidauana, representada pela etnia terena, sendo elas das aldeias: Limão verde, Água Branca, Ipegue, Bananal, Buritizinho e Lagoinha. Neste contexto, a partir dos resultados sobre dados demográficos, aspectos econômicos do artesanato, impactos sociais, culturais e econômicos e questões sobre a comercialização e divulgação, foi possível compreender a dinâmica da prática e produção de artesanatos desenvolvida pelos artesãos indígenas. A análise revelou que, embora o artesanato seja visto como um elemento de valorização da identidade cultural, ele enfrenta desafios significativos, principalmente com a falta de valorização no mercado, dificuldades logísticas e deficiência de apoios. Sendo assim, o estudo evidencia a necessidade de capacitações, políticas públicas e iniciativas de incentivo ao empreendedorismo indígena, para que assim possa garantir o fortalecimento do artesanato e contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas. Em suma, este trabalho ressalta o artesanato não apenas como fonte de renda, mas como uma prática que integra cultura, meio ambiente e identidade.

Palavras-chave: Empreendedorismo indígena; Valorização cultural; Geração de renda; Artesanato indígena

ABSTRACT

The production of indigenous handicrafts is considered to be an important practice for preserving and strengthening the culture of indigenous peoples, since it is a form of ancestral knowledge that has been passed down from generation to generation. However, it is also a means by which many artisans earn a supplementary income that helps to support their families and the economic development of their communities. The aim of this study was to find out how indigenous artisans perceive the socio-cultural, environmental and economic aspects of indigenous entrepreneurship in the Aquidauana and Miranda/MS regions. The method used was exploratory research and qualitative-quantitative data analysis, with primary data collected using a survey questionnaire. A total of 64 responses were received from indigenous artisans from the Miranda region of the Terena and Kinikinau ethnic groups from the villages of: Cachoeirinha, Lalima, Passarinho, Babaçu, Lagoinha, Kai'Koe, Mãe Terra and Argola. On the other hand, there were 30 responses from artisans in the Aquidauana region, represented by the Terena ethnic group, from the following villages: Limão Verde, Água Branca, Ipegue, Bananal, Buritizinho and Lagoinha. In this context, from the results on demographic data, economic aspects of handicrafts, social, cultural and economic impacts and questions about marketing and dissemination, it was possible to understand the dynamics of the practice and production of handicrafts developed by indigenous artisans. The analysis revealed that although handicrafts are seen as a way of enhancing cultural identity, they face significant challenges, mainly due to a lack of appreciation on the market, logistical difficulties and a lack of support. As such, the study highlights the need for training, public policies and initiatives to encourage indigenous entrepreneurship, in order to guarantee the strengthening of handicrafts and contribute to the sustainable development of indigenous communities. In short, this work highlights handicrafts not just as a source of income, but as a practice that integrates culture, the environment and identity.

Keywords: Indigenous entrepreneurship; Cultural valorization; Income generation; Indigenous handicrafts

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS DO EMPREENDEDORISMO	11
2.2 EMPREENDEDORISMO INDÍGENA	13
2.2.1 Estudos sobre empreendedorismo indígena no contexto brasileiro e internacional	17
2.2.2 Integração ao empreendedorismo indígena a partir de especificidades do empreendedorismo social, sustentável e feminino.	20
3 METODOLOGIA	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	25
4.2 ASPECTOS ECONÔMICOS DO ARTESANATO	32
4.3 ASPECTOS AMBIENTAIS NO EMPREENDEDORISMO INDÍGENA	34
4.4 ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS NO EMPREENDEDORISMO INDÍGENA	36
4.5 PERCEPÇÃO DO MERCADO E PRÁTICAS DE COMERCIALIZAÇÃO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O território brasileiro é composto por uma diversidade étnica e cultural multifacetada, moldada por vários grupos sociais, tal como os povos indígenas. Assim como é citado nas obras de Darcy Ribeiro, onde ele diz que "o brasileiro não é um homem, mas muitos homens. O brasileiro não é um, mas vários"(Ribeiro, 1970, p.42).

A partir dessa linha de pensamento, é evidente na história que o Brasil é formado a partir da miscigenação de vários grupos étnicos, que contribuem na construção da identidade do país. Assim, de acordo com o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Brasil existem aproximadamente 1,7 milhões de indígenas, com 274 línguas diferentes e 305 tipos de origem étnica (IBGE, 2022). Isso evidencia a pluralidade cultural, presente nas formas de linguagem, costumes, tradições e modos de vida.

Dessa forma, dada a importância da representatividade dos povos originários, torna-se relevante compreender a partir dos estudos relacionados às ciências sociais aplicadas às atuais configurações de trabalho que acabam por configurar bricolagens multiculturais. Partindo desse contexto, defende-se como relevante conhecer como as práticas cotidianas dos povos originários tem se constituído na perspectiva acerca do empreendedorismo.

Portanto, segundo o economista, Joseph Schumpeter (1978) o empreendedorismo é definido como sendo um processo de inovação constante. Trazendo para a realidade das práticas empreendedoras dos povos originários indígenas, tal inovação está atrelada a criação de produtos únicos que carregam um significado cultural muito forte, oriunda dos conhecimentos e técnicas ancestrais do seu povo.

Nessa visão, o empreendedorismo, especificamente o segmento de artesanato, torna-se uma força que cria oportunidades de geração de renda, mas sem deixar de lado a preservação do conhecimento tradicional e contribui para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais. Através do artesanato indígena, as comunidades percebem não apenas a oportunidade de gerar renda, mas também fortalecer laços comunitários e transmitir tradições ancestrais para as novas gerações. Logo, produção artesanal é fundamental para a “transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais, cuja importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração” (Brasil, 2018).

Para Dana (2015), o empreendedorismo indígena acontece através dos processos pelos quais os povos originários buscam formas de poder no controle do território e na reconstrução

social da comunidade. O empreendedorismo indígena não está ligado exclusivamente aos negócios, mas relaciona-se através dos aspectos sobre a identidade, cultura e possibilidades de ganho econômico para as comunidades. (Tamik, 2020).

As discussões descritas neste estudo, buscam abordar três especificidades do empreendedorismo, que são: a) o empreendedorismo social, b) o empreendedorismo sustentável, c) o empreendedorismo feminino, que se relacionam e são fundamentais para entender os conceitos acerca da temática principal do estudo sobre empreendedorismo indígena. Por isso, torna-se importante enfatizar que o empreendedorismo indígena é algo dinâmico, com características únicas, que não são encontradas em outros modelos, que resulta na combinação de elementos como a cultura, tradição, geração de renda e desenvolvimento sustentável.

Dessa forma, o modo de empreender dos povos indígenas fortalecem laços a partir de suas origens, com o enfoque na preservação da cultura e identidade. Conforme Silvestre e Fontana (2023) ao terem a concentração voltados em seus valores e tradições, os povos indígenas criam negócios sustentáveis e únicos, utilizando os recursos naturais de seus territórios, combinando belezas únicas e as riquezas presentes no significado cultural de suas produções.

O estudo dessa temática tem ganhado destaque em países como Colômbia (Rueda-Rodrigues; González-Campo, 2021), Espanha (Padilla-Meléndez, 2021) e Canadá (Tamik, 2020), levando em consideração a grande quantidade de pesquisas realizadas sobre o assunto, o que se distancia da realidade brasileira, por ainda existir uma certa deficiência nos estudos sobre isso. Assim como é evidenciado nas pesquisas recentes de Brieds (2023) sobre artesanato indígena, onde apontam a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre o empreendedorismo indígena, especialmente no Brasil. Apesar de ser um país com uma significativa população indígena, o assunto ainda é bastante rudimentar, considerando que o Brasil é um país que não está entre os que publicam essa temática nas bases internacionais e multidisciplinares (Silva e Gomes, 2022).

Segundo o censo de 2022, mais de 116 mil indígenas vivem no estado de Mato Grosso do Sul (IBGE, 2022), que são compostos por mais de uma etnia, evidenciando as diversidades em cada grupo, como formas de linguagem, costumes e tradições.

Com base no exposto, a questão norteadora deste estudo é: Como os artesãos indígenas da região de Aquidauana e Miranda, Mato Grosso do Sul, percebem os aspectos socioculturais, ambientais e econômicos relacionados ao empreendedorismo indígena? Logo, o objetivo deste trabalho, é conhecer a percepção de artesãos indígenas sobre aspectos

socioculturais, ambientais e econômicos relacionados à prática do empreendedorismo indígena na região de Aquidauana e Miranda/MS.

Para coleta de dados primários, foi utilizado um questionário desenvolvido pelas pesquisadoras por meio da plataforma *Google Formulários*. A pesquisa foi direcionada aos artesãos indígenas que residem nos municípios de Aquidauana e Miranda, que, segundo dados do IBGE de 2022, possuem cerca de 9.428 e 8.866 de habitantes, respectivamente.

De início, serão apresentados os estudos que abordam o tema do empreendedorismo indígena, para fornecer uma perspectiva estruturada ao decorrer do estudo. Por conseguinte, será apresentada a metodologia que foi utilizada. Na sequência, serão feitas as análises e discussões dos resultados obtidos. E, por fim, as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico são apresentados os principais eixos teóricos que oferecem subsídio para as discussões propostas neste estudo. Primeiramente, são apresentados os fundamentos conceituais do empreendedorismo e do empreender em âmbitos gerais. Na sequência, são apresentadas as especificidades do empreendedorismo indígena, sua contextualização nacional e internacional, bem como as possibilidades de integração com outras diferentes especificidades do empreendedorismo social, sustentável e feminino.

2.1 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS DO EMPREENDEDORISMO

“Em meio ao cenário de grandes incertezas no mercado de trabalho, o empreendedorismo aparece como oportunidade de renda para muitas pessoas” (Da Silva; Gomes, 2022, p. 6). Foi a partir disso, que um dos primeiros conceitos sobre o empreendedorismo foi abordado pelo economista e cientista austríaco Joseph Schumpeter (1978), onde descreve que o empreendedorismo está diretamente relacionado à inovação.

No Brasil, a partir do final da década de 1990, o termo “empreendedorismo” começou a se intensificar, e, conseqüentemente, novas concepções sobre o tema surgiram. Um dos exemplos notórios disso, está presente nas contribuições de Dornelas (2001). O autor retrata que esse conceito surgiu devido às conseqüências da globalização, na qual muitas empresas de diversos portes tiveram que buscar alternativas para manter a sua presença no mercado competitivo. Os cortes realizados por muitas empresas brasileiras geraram conseqüências.

Essas medidas objetivavam a redução de custos, foi então que, uma das alternativas adotadas pelas empresas foi a demissão de muitos trabalhadores.

Em consequência disso, houve o surgimento de novos empreendimentos no território nacional, sendo uma alternativa para as pessoas que estavam sem emprego adquirir uma nova fonte de renda, mesmo sem muita experiência e com poucos recursos.

Como é evidenciado, o empreendedorismo surge como uma oportunidade de geração de renda para muitas pessoas. Assim, nos estudos realizados por Baggio e Baggio (2014), eles afirmam que no século XV, surgiu a nomenclatura “empreender”, derivado do latim *imprehendere*. Seguindo esse contexto, os autores Baggio e Baggio (2014) trazem a definição sobre o empreendedorismo como a habilidade de concretizar ideias a partir da criatividade e motivação. Isso são características de indivíduos que pensam de forma inovadora, fora da caixa, enfrentando desafios, oportunidades e assumindo riscos. Ou seja, o empreendedor é um alguém que busca constantemente agregar valor e resolver desafios, transformando ideias em ação.

Nessa temática de estudo, foi realizado por Filardi, Delarissa e Fischmann (2014, p. 125) onde é descrito que a inovação se trata de algo que “tem sempre que vir com a criação de uma nova forma de uso dos recursos, em que eles sejam deslocados do seu emprego tradicional e sujeitos a novas combinações”. A partir dessa linha de pensamento, o empreendedor seria o responsável pela “destruição criativa”, que representa um processo na qual a inovação abre caminhos para o surgimento de novos produtos, serviços ou formas de produzir. Portanto, essas primeiras conceituações foram muito importantes para que novos trabalhos pudessem se desenvolver, e novas percepções surgissem no decorrer do tempo.

Pesquisas mais recentes sobre o tema, especialmente os estudos de Neves e Davel (2021, p. 20) trazem que “o empreendedorismo não é um conceito unitário e estático, geralmente dependendo da integração de dois ou mais discursos (um econômico e outro cultural, por exemplo)”. Por meio dessa visão, torna-se fundamental compreender que o empreendedorismo possui uma variedade de aspectos que são explorados em relação aos vários contextos, tais como social, econômico, político e cultural.

Outras informações importantes são abordados nas pesquisas realizadas pela - *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), que é uma das mais extensas e planejadas pesquisas anuais, que explora o papel do empreendedorismo no desenvolvimento social e econômico, incluindo atitudes da população em relação à atividade empreendedora, taxas de empreendedorismo, motivações e características dos empreendedores e de seus empreendimentos. A partir disso, a GEM traz a seguinte definição de empreendedorismo:

qualquer tentativa de criação e desenvolvimento de novos negócios ou criação de novas empresas, como o trabalho por conta própria, uma nova organização empresarial, ou a expansão de uma empresa já existente, por um indivíduo, uma equipe de pessoas, ou um negócio estabelecido (GEM, 2016, p. 21).

Como tem sido retratado, o termo “empreendedorismo” é uma área muito ampla e para entender essa diversidade, é preciso estudar de forma detalhada sobre um determinado ramo em que se tem interesse. Neste trabalho, serão abordadas três especificidades do empreendedorismo; a) empreendedorismo social, b) empreendedorismo sustentável e c) empreendedorismo feminino, por compreender que esses campos se interligam de forma a complementar o empreendedorismo indígena. A seguir, será abordado conceitos do empreendedorismo indígena.

2.2 EMPREENDEDORISMO INDÍGENA

Segundo o Fórum da Organização das Nações Unidas sobre questões indígenas (ONU, 2020), foi estimado que existem cerca de 370 milhões de indígenas espalhados entre 90 países, isso representa características sociais, culturais, econômicas e políticas distintas. Dados do último levantamento do censo demográfico de 2022 revelam que, no território nacional, existem cerca de 1,7 milhão de indígenas, sendo 116,3 mil pertencentes ao estado de Mato Grosso do Sul (IBGE, 2022). Isso representa a diversidade existente dentro das regiões territoriais do Brasil, um indicativo de que há uma pluralidade cultural referente aos saberes ancestrais e às diversas línguas indígenas. Dessa forma, o empreendedorismo indígena, tal como a produção e comercialização de artesanatos, é uma forma de valorizar a cultura, além de ser uma fonte de renda para muitos indígenas (Silva; Almeida, 2019).

A criação de empreendimentos indígenas está enraizada na cultura e tradições de uma comunidade, que buscam melhorias para enfrentar desafios socioeconômicos. A estratégia de criação de empreendimentos, para os indígenas, é um meio pelo qual buscam afirmar o seu lugar dentro da sociedade (Cooney, 2021). Na mesma linha de pensamento, Dana descreve que “há um desejo relacionado de reafirmar o controle sobre territórios tradicionais e reconstruir suas comunidades com empreendedorismo e empreendimento, moldados pela história, cultura e valores” (Dana, 2015, p.160).

Torna-se fundamental destacar que existem diferenças em várias características a respeito do empreendedorismo indígena, comparada a outras abordagens tradicionais do empreendedorismo. O conceito de empreendedorismo indígena está baseado na busca por desenvolvimento econômico, e também está diretamente envolvida nas questões relacionadas

às tradições culturais através dos saberes ancestrais de cada povo, que buscam conciliar a área financeira com a preservação de sua ancestralidade cultural e ambiental (Briedis; Lenzi, 2021).

Assim, segundo Briedis (2021), o empreendedorismo indígena está presente nas atividades que são realizadas por membros das próprias comunidades, que buscam criar e desenvolver artesanatos de valor, buscando assim o desenvolvimento econômico e social das comunidades locais, ao mesmo tempo visa destacar a valorização da verdadeira identidade cultural, como povos originários, com intuito de preservar suas raízes. Silvestre e Fontana (2023) discutem a importância da preservação dos valores e tradições ancestrais das comunidades indígenas, que tem ênfase pela criação de negócios únicos e sustentáveis com base nos recursos naturais locais. Esses autores mostram como o desenvolvimento de tais práticas contribuem para a valorização cultural e econômica das comunidades indígenas.

Segundo Alves (2009), as atividades empreendedoras que são desenvolvidas pelos artesãos indígenas, como a comercialização e produção dos artesanatos, enquadram-se no conceito de artesanato ancestral, moldadas por técnicas únicas, procedimentos e o uso recursos naturais, que tem o objetivo de evidenciar e enaltecer as características e as raízes do povo originário. Ou seja, são saberes que são passados e aprimorados de geração em geração, principalmente, visando a preservação cultural, resistência e identidade histórica. Portanto, “é um artesanato telúrico, pois estreitamente ligado à terra e ao espaço onde é produzido, traço que se manifesta perceptivelmente nos seus produtos” (Alves, 2009, p.2).

O estudo do empreendedorismo indígena começou a ganhar ênfase mais recentemente, na dimensão em que a importância da originalidade, diversidade cultural, persistência e inclusão socioeconômica dos povos originários inseridos na sociedade foi reconhecida. Entretanto, não existe um ponto inicial para o estudo desse tema, mas ele tem sido abordado por pesquisadores de diversas áreas, incluindo profissionais de antropologia, economia, sociologia e administração (Da silva; Gomes, 2022). Contudo, é válido citar que os estudos sobre empreendedorismo indígena, em nível internacional, tiveram como pioneiro o canadense Léo-Paul Dana, o qual teve o primeiro doutorado no mundo na área em 1996, tornando suas pesquisas fundamentais para explorar e entender sobre esse vasto campo de estudo. Logo, é importante complementar que “o Canadá pode justamente ser aclamado como o estado mais avançado do mundo em formulação de políticas, desenvolvimento empresarial e pesquisa no campo do empreendedorismo indígena” (Dana, 2015, p.159).

O Brasil possui uma gigantesca diversidade cultural que muitas vezes impacta na formação da sociedade, fazendo com que esta variedade possa mostrar diversos

comportamentos, valores, tradições, culturas e saberes de um determinado grupo social. Quando se trata dos povos indígenas, essa diversidade se aprofunda na valorização cultural, nos traços, na originalidade, nos costumes, na relação com a natureza que retratam a forma única de empreender. Traços únicos que são repassados pelos mais velhos, enriquecendo sua história e originalidade (Da silva; Gomes, 2022).

Dessa forma, com o objetivo de valorizar a história dos povos originários, foram criadas leis especiais. Essas leis garantem proteção a cultura e identidade dos povos indígenas, isso permite direitos territoriais, acesso à saúde, educação e outros serviços básicos, promovendo o bem-estar das comunidades indígenas, a preservação dos costumes e tradições. Um exemplo disso está presente na Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na qual teve sua tradução em língua Terena, que retrata a importância de garantir o respeito às culturas e modos de vida dos povos indígenas, reconhecendo que cada indígena têm o direito de cuidar de suas terras e viver com suas próprias maneiras. Os povos originários se conectam com a mãe terra, a partir da utilização de recursos naturais para a produção dos artesanatos, essas ações permitem a preservação dos costumes ancestrais e das tradições locais. Essas atitudes têm ligação com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, estabelecida pelo Decreto nº 6.040, de 2007, que busca proteger os conhecimentos tradicionais e oportunidades para as futuras gerações (Brasil, 2007).

É de suma importância destacar que o processo produtivo do artesanato indígena “provêm do aprender fazendo, das práticas diárias, e é fruto especialmente de seu conhecimento tácito, repercutindo em artefatos autênticos e conhecimento tradicional” (Brieds, 2023, p.16). Isso representa que a prática empreendedora indígena, na maioria das vezes, é estimulada pela transmissão de um conhecimento ancestral, que desenvolve a produção de atividades específicas em uma determinada região, preservando assim a cultura local e atendendo às suas necessidades (Oliveira; Andrade, 2017). Em cada peça produzida destaca-se as características culturais únicas expressas em cada artesanato que representa as originalidades específicas de cada etnia. A comercialização desses produtos possibilita padrões de avanço sócio político, econômico e ambiental (Albagli, 2006).

Os empreendedores indígenas utilizam matérias-primas vindas da natureza, ou seja, recursos naturais, como fibras, troncos, argilas ou sementes. Sendo assim, os artesãos possuem uma conexão extremamente forte com a natureza, caracterizado pelo seu ambiente local e as diversas oportunidades de uso sustentável (Abreu; Nunes, 2012). Nos estudos realizados por Brieds (2023), ela reforça que o artesanato indígena

é um instrumento de expressão contemporânea, conectada à dimensão ambiental da sustentabilidade pois é majoritariamente confeccionado por matérias primas dependentes das florestas, sendo maior parte delas de fontes não madeireiras, como bambu, fibras, cascas de tronco, sementes, criando uma relação estreita com a natureza, ambiente local e suas múltiplas possibilidades de uso sustentável (Brieds, 2023, p.16).

De Jesus (2017) esclarece que as necessidades do dia a dia contribuem para o desenvolvimento dos artesanatos, uma vez que, o processo produtivo acaba sendo um reflexo dessas necessidades, na qual envolve a relação social e cultural. Dessa forma, surgem os artesanatos autênticos que carregam consigo a experiência e conhecimento transmitido ao longo dos tempos.

Por isso, é de suma importância compreender o contexto histórico e social das comunidades indígenas, analisando os elementos que influenciam seus modos empreendedores, como tradições e costumes. Esses aspectos fortalecem os laços e valorizam as trocas de conhecimento, mantendo assim a herança cultural (Rueda-Rodríguez; González-Campo, 2021). O empreendedorismo dos povos originários indígenas proporciona um aprendizado que segundo Correia (2019, p.57), "fomentam a inclusão social, a construção coletiva, o resgate da memória, a preservação da identidade e o fortalecimento da economia local". Essas atividades empreendedoras garantem a perpetuação dos saberes tradicionais, ao mesmo tempo em que fortalece a economia local, que busca valorizar recursos naturais, respeitar o meio ambiente e o senso de pertencimento.

Um dos principais exemplos das práticas empreendedoras realizadas pelos povos indígenas, mais especificamente entre as mulheres, é a produção de cerâmica, característica do povo Terena, que foi decretada como patrimônio imaterial histórico e cultural, por meio da lei estadual Nº 12.847, de 16 novembro de 2009 (MATO GROSSO DO SUL, 2009). Inicialmente, as cerâmicas eram produzidas para armazenar alimentos ou água, ou seja, eram destinadas para o próprio uso e de acordo com as suas necessidades. Todavia, segundo os estudos realizados por Alves (2014) a produção de cerâmicas Terena sofreu impactos significativos relacionado às novas exigências de mercado, especialmente com a entrada de turistas dentro das comunidades indígenas, e com isso começaram a adquirir os produtos artesanais. Em consequência disso, houve a necessidade de inovar os produtos, que, não seriam mais para o uso próprio, mas de acordo com os interesses dos clientes, onde o tamanho das peças começou a possuir maior variedade, como resultado "surgiram miniaturas de peças zoomorfas – galinhas, jacarés, capivaras, bois, tatus, porcos e peixes – fitomorfas – folhas sobretudo – e, mais recentemente, antropomorfas" (Chaves *et al.*, 2019). Essas mudanças, representam atitudes empreendedoras desempenhadas pelos povos originários, uma vez que,

ao produzir peças que carregam valores culturais fortes, mas que também se tornam uma importante fonte de renda para garantir o sustento de suas famílias.

A produção artesanal desempenhada pelos povos indígenas, torna-se uma atividade importante para a visibilidade social, ou seja, ao mesmo tempo em que o artesanato é uma fonte de renda, é também uma forma de resistência desses povos. Ainda nessa ótica, a produção artesanal indígena “é um recurso sustentável, ilimitado e abundante, usando a criatividade e a qualidade inerente da coletividade cultural indígena que facilita o compartilhamento de conhecimento, sendo usufruído por muitos ao mesmo tempo, sem sua perda” (Briedis; Lenzi, 2020, p.45).

2.2.1 Estudos sobre empreendedorismo indígena no contexto brasileiro e internacional

As comunidades indígenas ocupam um espaço importante no cenário comercial brasileiro e possuem um grande potencial para moldar suas próprias formas de geração de renda. A cultura nas comunidades indígenas possui uma forte influência no desenvolvimento do espírito empreendedor, através dela as tradições, valores, modos e costumes é passado de geração em geração. Cabe salientar que cada comunidade possui suas particularidades, enriquecendo sua história e fortalecendo a identidade cultural, refletindo diretamente nas iniciativas empreendedoras desempenhada pelos povos indígenas. (Da Silva; Gomes, 2022).

Segundo Villares (2013, p. 258 apud Da Silva; Gomes, 2022, p. 5) “cada povo indígena e cada comunidade possui valores, filosofias, histórias, línguas, crenças, costumes, tradições e manifestações artísticas que os distinguem dos demais e da sociedade em geral”.

No Brasil, alguns autores e estudos se destacam quando se trata da tese do empreendedorismo indígena e cabe citar Silva e Sissi (2019) que discutem o empreendedorismo indígena no Tocantins, a partir da comunidade apinajé da aldeia São José. Silva e Sissi (2019) citam que o Empreendedorismo Indígena abrange a ampliação e valorização da nação nativa, que opera atividades artesanais como fonte de sustento para diversas comunidades dos povos indígenas, ao mesmo tempo em que promove a preservação cultural dentro de suas próprias comunidades.

Vale notar também a contribuição Lara (2016) na publicação da origem e o desenvolvimento do povoado de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, durante o período do final do século XIX - o início do século XX. Lara analisou diversos aspectos históricos e também as memórias locais, buscando compreender as dinâmicas sociais,

econômicas e culturais que moldaram a região naquele momento. Fora, que o seu estudo transparece as práticas do empreendedorismo indígena no povoado da região local.

Diante do cenário da época, Lara (2016) verifica como as comunidades indígenas locais se desenvolveram para a expansão econômica e social de Dourados, destacando suas atividades comerciais, habilidades de negociação e as iniciativas empreendedoras. Conseqüentemente, esta abordagem ofereceu uma perspectiva interessante sobre a história local, mostrando como diferentes grupos étnicos e culturais se desertaram para a formação e evolução de comunidades pioneiras como Dourados. Isso vem ao encontro do estudo do Empreendedorismo Indígena: Gestão e Sementes da Biodiversidade, realizado e discorrido por Morhy (2023), onde há uma grande observação sobre o empreendedorismo dentro das comunidades indígenas, que têm como alvo a gestão e preservação da biodiversidade.

A autora identifica como os povos indígenas estão envolvidos em atividades empreendedoras que estão internamente ligadas à proteção dos recursos naturais e ao aumento da diversidade biológica. Outros aspectos levantados por Morhy (2023) é a menção de vários exemplos concretos contido em sua pesquisa de empreendedorismo indígena, como o manuseio sustentável dos recursos naturais, a produção de artesanato indígena e a comercialização de produtos derivados da biodiversidade da área. Notasse, que Morhy (2023) discorreu sobre seu ponto de vista, destacando a importância da preservação ambiental e da valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas.

Na perspectiva desse desenvolvimento cabe salientar a pesquisa sobre os conhecimentos tradicionais terena presente nas cerâmicas: possibilidades de etnomatemática para a escola Terra Indígena (TI) Mãe Terra, exercida por Rodrigues (2022), que explora as conexões entre essas práticas ancestrais e a etnomatemática, oferecendo oportunidades educativas para a Escola TI Mãe Terra. Rodrigues (2022) aborda a temática de empreendedorismo indígena de forma indireta. A pesquisa destaca a riqueza cultural dos Terena e como as habilidades das artesãs que produzem cerâmicas podem ser integradas ao ensino de matemática de forma significativa e inclusiva. Além disso, a abordagem valoriza a preservação da cultura tradicional terena e incentiva o desenvolvimento econômico sustentável dentro da sua comunidade indígena local. Na sequência, Baltazar *et al.* (2023) um pesquisador renomado que se dedica ao estudo da etnogeografia Terena, com ênfase especialmente na relação das comunidades indígena, sua terra e território. Assunto de extrema importância quando se trata dos recursos naturais, uma vez que se concentra na compreensão étnica da conexão com terra, cultura e organização social dos Terena. Esse trabalho de certa forma, faz-se presunção ao empreendedorismo indígena, porém de forma indireta. Dentro do

contexto o autor dá ênfase nos conhecimentos tradicionais terena e a conexão com o ambiente natural, onde de certa maneira é destacado para desenvolver as práticas sustentáveis que são desenvolvidas pelos empreendedores artesãos indígenas. Por isso é importante ressaltar que se deve preservar a identidade, ancestralidade e originalidade cultural. Aspecto que também é levantado por Abreu e Nunes (2012) que ressalta o fato de os povos originários terem uma conexão forte com a natureza/terra, seu ambiente local.

A causa dos empreendimentos dos povos originários indígenas estão sendo cada vez mais reconhecidos e valorizados, tanto nacional quanto internacionalmente, devido à sua natureza única e distintiva, e a garra dos povos buscando reconhecimento por um espaço que sempre lhe pertenceu (Hartley *et al.*, 2015).

É crucial ressaltar a realização de pesquisas internacionais sobre o tema. Um exemplo notável desses estudos está vinculado ao empreendedorismo endógeno nas comunidades indígenas, que foi realizado na comunidade Embera- Chamí de Dachi, Reserva de Drua, localizada no município de Tuluá, no sudoeste da Colômbia, que teve como objetivo a compreensão e caracterização dos aspectos históricos e sociais da comunidade local.

Durante a aplicação da metodologia, os autores fizeram uma análise utilizando métodos qualitativos, a partir da coleta de informações, troca de conhecimentos e entrevistas individuais com empreendedores indígenas dentro do contexto colombiano. Com a participação e o trabalho em conjunto,

a comunidade identificou suas competências e habilidades para gerar empreendimentos endógenos, ou seja negócios que iniciam dentro das próprias comunidades, cresce a partir das pessoas de uma determinada região, a partir de recursos próprios, e isso faz com que perdurem por um longo período de tempo e preservem seus traços distintivos de identidade cultural como comunidade indígena (RUEDA-RODRÍGUEZ; GONZÁLEZ-CAMPO, 2021, p.2).

Ainda nesta mesma linha de considerações, as investigações de Rueda-Rodríguez e González-Campo (2021, p.97) afirmam que "As comunidades indígenas em qualquer parte do território nacional apresentam desafios e oportunidades semelhantes, bem como possuem recursos naturais muito valiosos, incluindo florestas primárias, fauna e flora, recursos minerais, afluentes naturais e terras férteis".

Um dos resultados obtidos através da investigação participativa, foi a possibilidade de compreender e estabelecer metodologias de trabalho alinhadas com as necessidades da comunidade. Isso não apenas representa uma construção conjunta de conhecimento, mas também capacita a população para ser agente do seu próprio desenvolvimento e crescimento econômico. Fica evidente, por tanto que, de acordo com Rueda-Rodríguez e González-Campo (2021, p.97), "Através do trabalho em equipe, a comunidade identificou

suas competências e habilidades para gerar empreendimentos endógenos que perdurem no tempo e preservem seus traços distintivos de identidade cultural como comunidade indígena".

Cabe citar também um importante estudo realizado em Málaga, localizado na Espanha, na qual foram feitas importantes e notórias pesquisas voltadas à análise de 264 artigos relacionados ao Empreendedorismo indígena. No contexto deste trabalho, o EI (Empreendedorismo indígena) é "definida como qualquer tipo de atividade empreendedora ou auto-emprego em qualquer tipo de setor, baseada no conhecimento/cultura indígena, por pessoas que são elas próprias identificadas como povos indígenas" (Padilla-Meléndez *et al.*; 2021, p. 52).

Pesquisas realizadas por Tamik (2020), onde é abordado sobre políticas de inovação canadense sobre o empreendedorismo indígena, é destacado a importância de reconhecer o papel do indígena, envolvendo temas como a inovação e o empreendedorismo. O resultado do estudo no Canadá, demonstra o quão crucial é a inclusão das vivências e experiências para criar uma sociedade com mais inclusão social. Outro aspecto abordado na pesquisa propõe reconhecer os conhecimentos, práticas e valores indígenas como recursos valiosos para a inovação e o empreendedorismo. Em suma, é destacado a importância de compreender as diferenças e desafios que são enfrentados pelos empreendedores indígenas, que inclui o acesso desigual aos recursos. A autora argumenta a importância de promover uma cultura de inovação mais diversificada e inclusiva, de uma maneira que venha reconhecer e valorizar a contribuição dos povos indígenas dentro da economia e sociedade como um todo (Tamtik, 2020).

2.2.2 Integração ao empreendedorismo indígena a partir de especificidades do empreendedorismo social, sustentável e feminino.

Atualmente, existem inúmeros modelos de negócios, desde o tradicional até as iniciativas mais inovadoras que se adaptam a diferentes contextos. Entre as abordagens no campo do empreendedorismo, destaca-se o empreendedorismo social, um modelo significativo que busca gerar valor social e ambiental, uma importante área que está interligada com o tema deste trabalho. Conforme Baggio e Baggio (2014, p. 30) "o empreendedorismo social apresenta-se como um conceito em desenvolvimento, mas com características, princípios e valores próprios, sinalizando diferenças entre uma gestão social

tradicional e uma empreendedora”. Logo, a partir das pesquisas realizadas pelos autores citados, tem-se a seguinte definição:

O empreendedorismo social é um misto de ciência e arte, racionalidade e intuição, ideia e visão, sensibilidade social e pragmatismo responsável, utopia e realidade, força inovadora e praticidade. O empreendedor social subordina o econômico ao humano, o individual ao coletivo e carrega consigo um grande “sonho de transformação da realidade atual”. O empreendedorismo social difere do empreendedorismo propriamente dito em dois aspectos: não produz bens e serviços para vender, mas para solucionar problemas sociais, e não é direcionado para mercados, mas para segmentos populacionais em situações de risco social (exclusão social, pobreza, miséria, risco de vida) (Bagio e Bagio, 2014, p. 30).

Dessa forma, o empreendedorismo social se destaca pela ânsia de impactar positivamente e gerar valor social. Por outro lado, observa-se que o empreendedorismo tradicional, tem como objetivo principal o lucro máximo, em contrapartida o empreendedorismo social tem como propósito a busca por resolver problemas sociais através de iniciativas inovadoras e sustentáveis. Logo, ela adapta suas práticas à realidade local, valorizando as comunidades e o conhecimento, resultando em diferentes maneiras de trabalho (Parente et.al, 2011).

Outra importante área que merece destaque é o empreendedorismo sustentável, que ainda é tímido, mas muito importante na realidade do planeta. Segundo Marcelo (2017, p.17), “O consumidor está cada vez mais propenso a escolher produtos e serviços com propósito socioambiental”, isso está relacionado às práticas sustentáveis, a busca por formatos de negócios que contribuam para a sustentabilidade ambiental, ações que visam proteger o mundo, a fim de garantir o futuro da nova geração. Nesse sentido, a definição do empreendedor sustentável é descrita como:

alguém que considera os aspectos ambientais, econômicos e sociais em seu core business, que entrega soluções inovadoras para o modo como bens e serviços são consumidos e que propõe formatos de negócios que contribuam para a sustentabilidade da economia. Seu principal objetivo é, portanto, maximizar o valor ambiental criado por meio de suas ideias, baseando-se em modelos de empreendimentos viáveis e efetivos (Ebert, Marcelo, 2017, p.38).

Além das práticas do empreendedorismo sustentável, outro movimento que tem demonstrado uma força transformadora é o empreendedorismo feminino. Conforme Silva et. al (2016) o Brasil é marcado por mulheres que, movidas pela necessidade de complementar a renda e a busca pela realização pessoal, entram no mundo dos negócios com coragem e determinação, promovendo a inovação e novas oportunidades. Contudo, “as mulheres empreendedoras ainda enfrentam uma série de desafios, incluindo desigualdade de gênero, conciliação entre trabalho e vida pessoal, autocobrança e autoconfiança” (Santos et. al, 2024, p. 1). Em meio às adversidades encontradas, as mulheres estão superando esses obstáculos e

se destacando em diversos setores, em áreas como: estética, indústria, tecnologia e outros. A constante busca por autonomia é crescente e traz consigo negócios inovadores, um exemplo, é o protagonismo desempenhado por muitas mulheres indígenas, que partem de princípios valiosos de suas comunidades, com o intuito de manter viva a tradição cultural e garantir que o conhecimento ancestral seja repassado para as próximas gerações. Isso demonstra o quanto o empreendedorismo feminino impacta na vida das mulheres indígenas, é uma oportunidade que oferece um novo olhar para o desenvolvimento sustentável e a valorização da diversidade cultural.

Em suma, todas as especificidades mencionadas possuem características similares, a busca por respeito à cultura, ao meio ambiente, além de afirmar a identidade de um povo, aspectos que estão relacionados ao tema central deste trabalho.

3 METODOLOGIA

O trabalho foi classificado como exploratório, a partir de uma abordagem quali-quantitativa e descritiva. Tal natureza exploratória, segundo Lunetta e Guerra (2024, p.7) é um tipo pesquisa que visa “proporcionar maior familiaridade com o problema em questão”, auxiliando na formulação de hipóteses e ajudando em abordagens mais específicas (Lunetta; Guerra). Em uma outra visão, é descrito que pesquisa exploratória ocorre quando “o interesse do projeto é justamente obter um volume de informações que explorem em profundidade como dado fenômeno ocorre” (Tonetto; Brust-Renck; Stein, 2014, p.183). Nesse sentido, esse tipo de abordagem de pesquisa foi importante para este trabalho, pois possibilitou uma compreensão inicial e identificar fatores importantes, tendo em vista que o tema em sua especificidade no contexto regional possui poucos estudos no campo acadêmico.

O estudo também foi classificado como uma pesquisa descritiva, na qual se expõe características de um determinado grupo, com objetivo de estudar e identificar variáveis que definem a sua natureza. Segundo Lunetta e Guerra (2023, p. 42), a pesquisa descritiva “busca encontrar as causas de determinada frequência e verifica a razão das relações e associações entre essas variáveis”.

Dentro da abordagem quali-quantitativa, tem-se a definição de que esse tipo de pesquisa, é descrito como aquele em que “os pesquisadores buscam obter informações detalhadas sobre um determinado fenômeno, ao mesmo tempo em que utilizam técnicas estatísticas para analisar e interpretar os dados coletados” (Lunetta; Guerra, 2024, p.6). Nesse

sentido, a abordagem da pesquisa combina a pesquisa qualitativa, que trata dos contextos e significados, enquanto que, a análise quantitativa propõe uma visão numérica dos dados.

Neste sentido, para responder ao problema de pesquisa, a abordagem quali-quantitativa torna-se fundamental, pois tanto explora opiniões e experiências dos participantes, fornecendo informações ricas e detalhadas, quanto numéricas e estatísticas que são importantes para ter maior consistência nos dados. Ao utilizar essa metodologia, tem-se como objetivo conhecer as percepções de artesãos indígenas sobre aspectos socioculturais, ambientais e econômicos relacionados à prática do empreendedorismo indígena na região de Aquidauana e Miranda.

A técnica utilizada para coletar os dados foi por meio da pesquisa com survey, que tem o intuito de buscar uma informação direta com um determinado grupo de pessoas a respeito dos dados que se deseja obter. Nesse tipo de pesquisa, o respondente não é identificável, portanto, o sigilo é garantido. Segundo a definição:

A pesquisa com survey pode ser referida como sendo a obtenção de dados ou informações sobre as características ou as opiniões de determinado grupo de pessoas, indicando como representante de uma população-alvo, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa. (Fonseca, 2022, p.33).

Para a coleta de dados primários, foi utilizado um questionário desenvolvido pelas pesquisadoras por meio da plataforma *Google Forms*. O questionário foi estruturado em cinco seções, organizadas na seguinte ordem: 1) autorização do respondente para o uso dos dados coletados; 2) dados demográficos; 3) aspectos econômicos do artesanato; 4) impactos sociais, ambientais, culturais e econômicos; e 5) comercialização e divulgação. No total, o questionário compreendeu 29 questões, sendo 24 objetivas e 5 abertas, das quais 2 eram discursivas e classificadas como opcionais.

A pesquisa foi direcionada aos artesãos indígenas das regiões de Aquidauana, que possui uma população indígena de 9.428 pessoas (IBGE, 2022), e de Miranda, com um total de 8.866 indígenas (IBGE, 2022). Assim, ao somar as populações dessas duas comunidades, o total alcançado foi de 18.294 indivíduos (IBGE, 2022). Para determinar o tamanho da amostra, utilizou-se o site *SurveyMonkey*, considerando um grau de confiança de 90% e uma margem de erro de 10%, resultando na necessidade de coletar dados de 68 artesãos. A seleção da amostra foi realizada com base no conhecimento prévio das pesquisadoras, que já estavam familiarizadas com alguns artesãos devido à convivência nas comunidades. Assim, foram escolhidos indivíduos que já eram reconhecidos como artesãos. Além disso, a seleção incluiu indicações de outros artesãos, direcionando a pesquisa para esses indivíduos. O Time Enactus Aquidauana, que desenvolve um projeto voltado ao empreendedorismo indígena, também

colaborou ao fornecer dados sobre alguns artesãos, facilitando o contato das pesquisadoras com eles.

A aplicação do questionário ocorreu entre os dias 23 de outubro de 2024 até 05 de novembro de 2024. O questionário foi disponibilizado no formato online e enviado aos artesãos por meio do aplicativo WhatsApp. Após o relato de dificuldades para responderem o questionário, devido ao baixo nível de instrução, as pesquisadoras realizaram visitas às aldeias, de modo a obter as respostas no formato de formulário. Essa abordagem teve como objetivo explicar melhor a finalidade do estudo, ressaltando sua importância para pesquisas acadêmicas.

Os dados foram analisados a partir de análise de conteúdos e técnicas de estatística descritiva simples. De acordo com Bryman “ao utilizar método quali-quantitativo, os pesquisadores conseguem não apenas quantificar dados e identificar padrões, mas também interpretar significados e compreender contextos” (Bryman, 2016, p.19).

Para analisar as respostas das perguntas objetivas, foi realizada uma análise estatística descritiva, tais como questões que envolvem frequências, médias e desvios padrão. Segundo Lakatos e Marconi, “o uso de ferramentas como médias, medianas e desvios padrão oferece um panorama estatístico que ajuda a contextualizar o comportamento dos participantes dentro do universo de pesquisa” (Lakatos; Marconi, 2019, p.102). Posteriormente, para organizar e armazenar os dados, serão exportados ao Google Planilhas, onde será realizada uma análise para observar frequências, médias e percentuais.

Por conseguinte, as perguntas abertas foram analisadas a partir da análise de conteúdo. Os temas foram analisados com o intuito de identificar algum tipo de padrão comum entre as respostas. Portanto, “a análise de conteúdo é uma técnica sistemática que permite a interpretação das mensagens dos dados qualitativos, transformando-os em categorias e temas que facilitam a compreensão” (Bardin, 2016, p.42).

Logo após analisar os dados separadamente entre qualitativos e quantitativos, foi realizada a integração entre eles, a fim de proporcionar uma maior compreensão dos resultados e a identificação de possíveis tendências em questões como percepção sobre as relações do empreendedorismo indígena com práticas sustentáveis.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

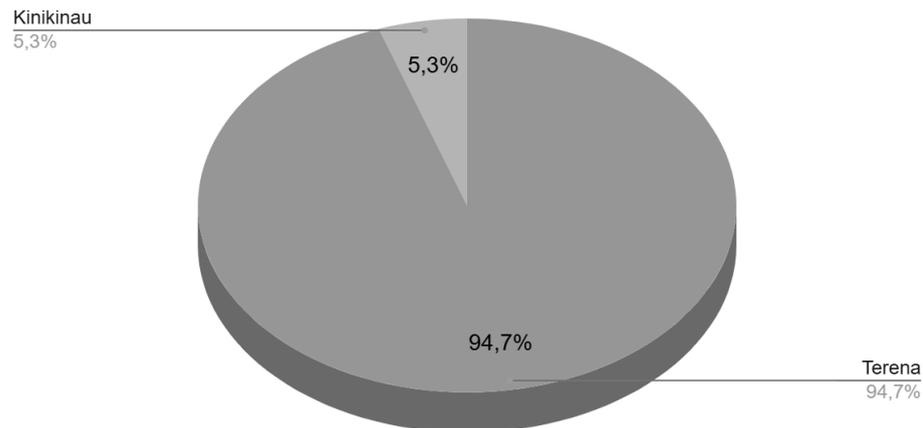
Em relação a este tópico, serão abordados os principais resultados obtidos através do questionário aplicado aos artesãos indígenas. Na qual serão agrupados de acordo com as seções de cada assunto sobre: dados sociodemográficos, aspectos econômicos do artesanato, aspectos ambientais no empreendedorismo indígena e por conseguinte, aspectos sobre a percepção do mercado e das práticas de comercialização.

4.1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Os dados mais recentes do Censo do IBGE de 2022, demonstram que a população de Miranda, Mato Grosso do Sul, é de 25.536 pessoas, 8.866 das quais são indígenas. Entre esses, 64 artesãos indígenas foram identificados na pesquisa realizada, o que corresponde a cerca de 0,2% da população local (IBGE, 2022)

Já em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, a população total é de 46.803 habitantes, com 9.428 indivíduos identificados como indígenas (IBGE, 2022). O estudo contou com a participação de 30 artesãos do município, que representam cerca de 0,06% da população local.

O objetivo proposto é investigar como o artesanato indígena pode gerar renda sem comprometer suas características culturais, nas comunidades de Aquidauana e Miranda. Para isso, foi elaborada uma questão específica que buscava identificar a origem étnica dos artesãos que participaram do estudo. Conforme os resultados obtidos, foi identificado que a maior predominância da origem étnica, com um número expressivo de 94,7% representa a etnia Terena e, por outro lado, apenas 5,3% da etnia Kinikinou. Esse resultado pode ser comparado a um fato histórico ocorrido durante a Guerra do Paraguai, onde os Terena tiveram uma participação significativa. E foi a partir desse conflito que muitas aldeias indígenas deixaram de existir, levando os Terena e os Kinikinou a "reconstruírem suas aldeias entre os rios Paraguai e Miranda" (Bittencourt; Ladeira, 2000, p. 39). A menor participação da etnia Kinikinou pode ser atribuída a questões territoriais enfrentadas por esses povos. Uma vez que, lutam intensamente por seus direitos, pois vivem em áreas de retomada e "enfrentam a transferência de terras não tituladas" (Silva; Souza, 2017, p. 24). Em contraste, o povo Terena possui algumas áreas demarcadas, resultado de um longo processo de luta e resistência, onde aldeias como a Terra Indígena Cachoeirinha fossem reconhecidas legalmente, como está presente na Portaria nº 791/2007 do Ministério da Justiça (Funai, 2007). Essa distribuição demográfica é ilustrada no gráfico a seguir.

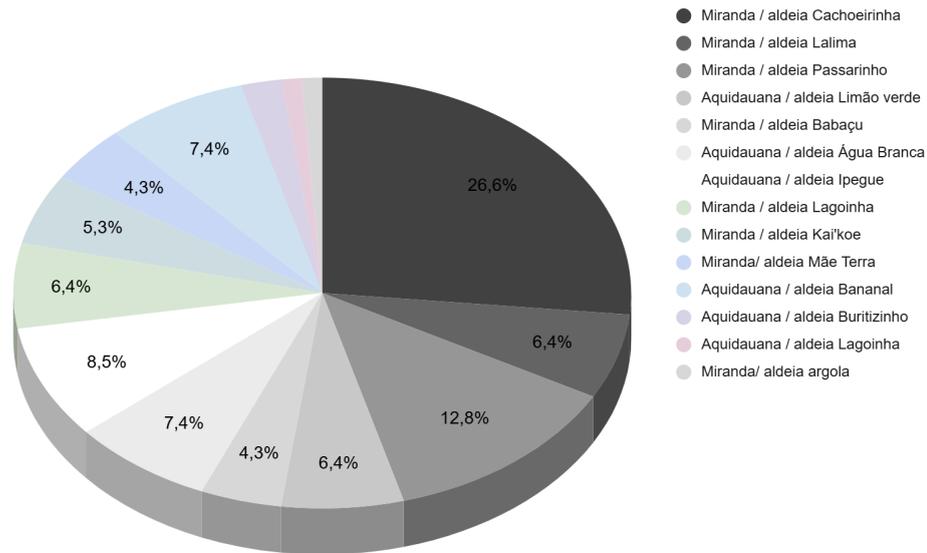
Gráfico 1 - Pertencimento Étnico

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

De acordo com os dados coletados, a grande maioria dos respondentes são do município de Miranda/MS, correspondentes a 8 comunidades indígenas. Sendo as aldeias: Cachoeirinha (26,6%), Lalima (6,4%), Passarinho (12,8%), Babaçu (4,3%), Lagoinha (6,4%), Kai'koe (5,3%), Mãe Terra (4,3%) e Argola (1,1%). A predominância das aldeias em Miranda destaca a importância dessas comunidades no contexto do artesanato indígena. Na sequência, no município de Aquidauana, foram identificadas 6 comunidades indígenas, sendo elas: Limão Verde (6,4%), Água Branca (7,4%), Ipegue (8,5%), Bananal (7,4%), Buritizinho (2,1%) e Lagoinha (1,1%). Esses dados estão alinhados com o relatório do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI/MS), que foi realizado no ano 2023, onde aponta a presença significativa das etnias Terena e Kinikinau na região de Aquidauana e Miranda.

Abaixo, apresenta-se a ilustração gráfica que representa a distribuição das comunidades indígenas nas regiões mencionadas, com dados coletados por meio do questionário aplicado neste estudo.

Gráfico 2 - Município e aldeia de origem



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Do total de respondentes ao questionário, 63,8% da produção de artesanato indígena está associada ao sexo feminino, enquanto 36,2% simbolizam o sexo masculino. Essa distribuição indica uma predominância feminina entre os participantes, o que pode influenciar nas perspectivas e experiências relacionadas ao estudo do empreendedorismo indígena e sua interação ao empreendedorismo feminino que “atua na geração de empregos, expandindo a economia, proporcionando a realização de um trabalho que sustente seu crescimento pessoal, profissional e financeiro” (Amorim; Batista, 2012, p.11).

Esse resultado, que destaca a maior participação das mulheres, é reforçado por Brieds (2023), que investigou o artesanato indígena brasileiro através do Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB). Brieds (2023) identificou que 68% da produção total de artesanatos indígenas é realizada por mulheres. Os homens, por outro lado, representam 32% da produção.

Brieds (2023) destaca que "tais números conferem maior engajamento às mulheres indígenas na produção artesanal e suas práticas econômicas em comparação ao sexo

masculino" (Brieds, 2023, p. 59). Em contrapartida, a baixa participação dos homens a essas atividades se deve ao fato da dedicatória na agricultura familiar, porque, há tempos atrás, a principal atividade desempenhada pelos homens eram "à cestaria, à caça e à pesca" (Chaves *et al.*, 2019, p.76), o que limitou pudessem aprender a confeccionar artesanatos, já que possuíam uma tarefa específica no que diz respeito ao sustento familiar.

Partindo para análise da faixa etária dos artesãos observa-se que, cerca de 36,2% dos participantes têm entre 31 e 40 anos, seguidos por 21,3% com mais de 50 anos e 17% entre 41 e 50 anos. Essa concentração revela a importância da tradição artesanal transmitida ao longo das gerações.

No entanto, apenas 7,4% dos artesãos têm menos de 20 anos, o que sinaliza a necessidade de ações para garantir a continuidade dessa tradição. Conforme alertam Brieds e Lenzi (2021), a falta de interesse da nova geração pode levar à perda de valores e conhecimentos preciosos. Além disso, é válido ressaltar a importância de se ter programas de capacitação e apoio para os jovens indígenas sobre produção de artesanatos, com o intuito de continuar transmitindo valores culturais, habilidades e conhecimentos para as futuras gerações.

Nesse contexto, ao analisar a formação dos artesãos, os resultados demonstraram que cerca de 39,4% dos respondentes afirmam ter concluído o ensino médio. As demais porcentagens de escolaridade são as seguintes: 21,3% possuem ensino fundamental incompleto, 13,8% têm ensino médio incompleto, 9,6% completaram o ensino superior, 6,4% estão com o ensino superior incompleto, 3,2% têm ensino fundamental completo, 3,2% possuem pós-graduação e 3,2% são analfabetos. É importante destacar que a porcentagem de indivíduos analfabetos ocorreu porque três dos respondentes não dominavam a escrita e leitura, visto a necessidade do apoio das pesquisadoras para transcrever suas falas ao questionário.

Os índices revelam a diversidade no nível de escolaridade entre os artesãos, o que pode impactar diretamente suas oportunidades de capacitação e desenvolvimento profissional. A educação desempenha um papel essencial na capacitação dos indivíduos, permitindo que eles gerenciem melhor seus empreendimentos e reivindiquem sua identidade cultural, conforme enfatizado por Dana (2016).

Outro assunto importante abordado foi: "Você possui a Carteira Nacional do Artesão?". A posse da Carteira Nacional do Artesão pode ser vista como um símbolo de reconhecimento formal do trabalho artesanal.

Os resultados das pesquisas revelam que 47,9% dos participantes possuem a carteira de artesão, o que representa um reconhecimento formal das suas habilidades e do valor do seu trabalho. Para esses artesãos, a carteira vai muito além de um simples documento, é símbolo de legitimidade que pode ajudá-los a destacar em um mercado muitas vezes marcado pela invisibilidade (Euflausino e Ichikawa, 2022).

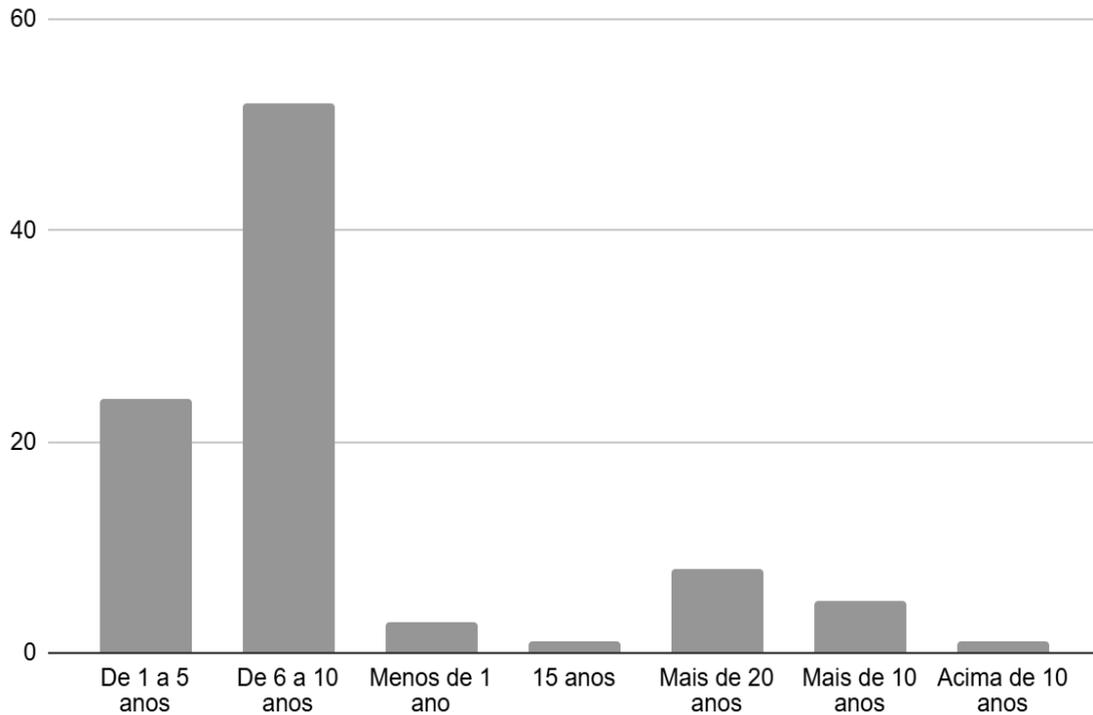
Além disso, 31,9% dos respondentes expressaram interesse em obter a carteirinha, mesmo que ainda não a tenham. Isso mostra uma busca por maior reconhecimento e proteção em suas atividades. Eles esperam que a formalização possa melhorar suas condições de trabalho e garantir direitos que frequentemente lhes são negados (Euflausino e Ichikawa, 2022).

Por outro lado, 12,8% dos participantes relataram que perderam suas carteiras ou que elas haviam vencido. Essa situação evidencia a precariedade que muitos enfrentam. A perda do documento pode simbolizar a fragilidade de sua posição no mercado, aumentando a incerteza sobre a continuidade de seu trabalho. Essa realidade ressalta a importância de se buscar formas de garantir não apenas a formalização, mas também a segurança e a dignidade desses trabalhadores.

Concluindo, constatou-se que 7,4% dos respondentes afirmaram não ter a carteira e não desejarem adquiri-la. Essa atitude pode refletir uma percepção de que a formalização não trará benefícios para suas práticas, uma vez que muitos operam em um ambiente onde a burocracia parece distante da realidade de seu trabalho cotidiano. Em suma, a posse da Carteira Nacional do Artesão é uma questão de identidade e reconhecimento.

Ao aprofundar a discussão da realidade dos trabalhadores informais, é observado questões referentes ao tempo que cada um deles dedica a essa atividade. A experiência no artesanato é um aspecto fundamental, pois reflete nas habilidades que os artesãos desenvolvem.

Conforme é possível notar no Gráfico 3, a maioria dos artesãos, representando 55,3%, possuem entre 6 a 10 anos de experiência no trabalho com artesanatos indígenas. Em seguida, 25,5% têm de 1 a 5 anos de experiência. As porcentagens restantes estão distribuídas entre aqueles que têm entre 15 anos e mais de 20 anos de atuação, refletindo uma diversidade significativa na trajetória profissional desses artesãos. Essa distribuição pode ser visualizada no gráfico a seguir

Gráfico 3 - Tempo de experiência na produção de artesanato

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Tendo em vista o tempo de experiência dos artesãos na produção do artesanato, uma das questões a serem levantadas com base no exposto é: “Com quem você aprendeu a fazer artesanato?”, a partir disso, foram disponibilizadas 7 alternativas, onde os respondentes poderiam assinalar mais de uma opção, e também um espaço aberto, caso quisessem escrever algo que não estava entre as escolhas. Quando foram apurados os resultados, foi possível notar que a grande maioria dos artesãos aprenderam e desenvolveram suas habilidades artesanais a partir dos ensinamentos de seus pais e/ou com avós. As demais possibilidades podem ser visualizadas a partir da tabela a seguir, que foi construída no Google Sheets para melhor entendimento das respostas.

Tabela 1- Com quem você aprendeu a fazer artesanatos?

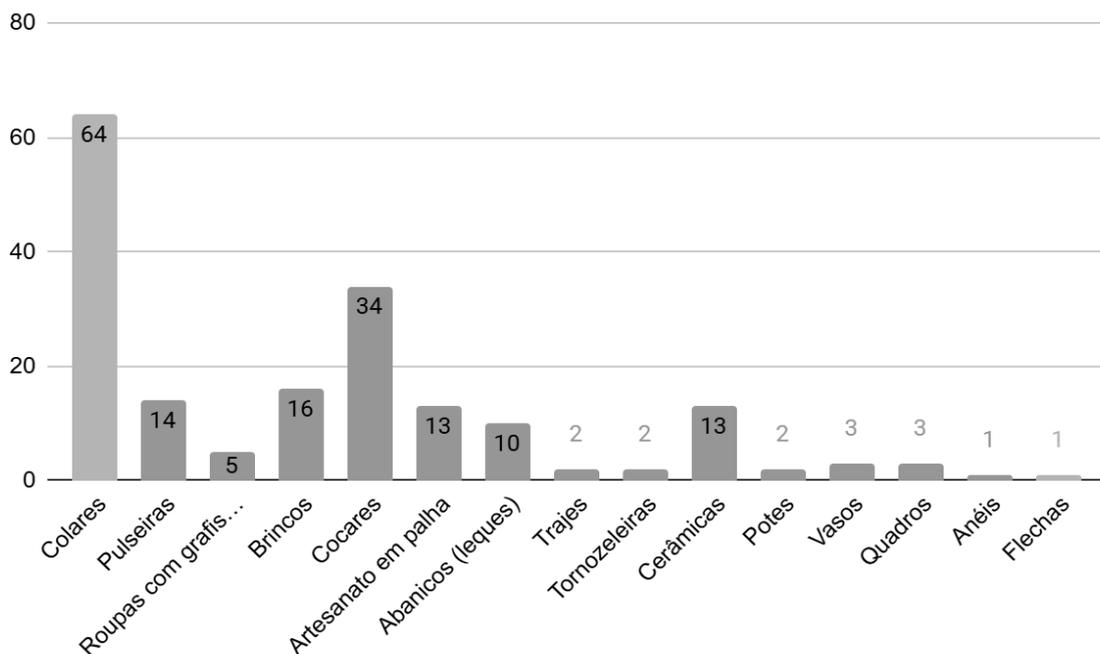
Alternativas:	Frequência:
Pais	55
Avós	30
Comunidade local	22
Sozinho (a)	19
Outros familiares	17

Assistindo a tutoriais (vídeos)	14
Na escola	3
Outros: com o esposo	1
Outros: trabalho de outro artesão	1

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A produção artesanal indígena abrange uma vasta gama de produtos, com destaque para os colares, que representam um número significativo da produção total. Além deles, outras peças também se destacam, incluindo cocares, cerâmicas, roupas com grafismos, pinturas em tela, brincos, pulseiras, tornozeleiras, tiaras, trajés, cestas, abanicos e anéis. Esses dados evidenciam a rica diversidade da produção artesanal indígena, que oferece uma ampla variedade de opções, refletindo a cultura e a identidade de cada comunidade. Para melhor visualização dos dados, segue o Gráfico 4 da distribuição dos artesanatos produzidos pelos pesquisados.

Gráfico 4 - Tipos de artesanato indígena



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A partir do Gráfico 4, é possível classificar os produtos em categorias e realizar o agrupamento dos produtos, para melhor representar os tipos de artesanatos, foi criado a tabela abaixo.

Tabela 2: Categorização dos produtos artesanais indígenas

Categoria:	Produtos:
Cerâmica	Potes e vasos
Biojóias	Anéis, brincos, pulseiras, colares, tornozeleiras, flechas e cocares.
Artesanato em palha	Abanicos, leques e cestarias
Vestuário	Roupas com grafismo
Objetos decorativos	Quadros

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Em suma, esta seção abordou questões sobre dados sociodemográficos, onde foi possível obter dados estatísticos referentes ao total de artesãos residentes nos municípios de Aquidauana e Miranda. Além disso, foi abordado questões que buscou identificar a origem étnica dos respondentes, na qual foi constatado a predominância da etnia Terena nas respostas. Também foram discutidos aspectos referentes às aldeias de origem, gênero, tempo de experiência, nível de instrução e tipos de produtos.

4.2 ASPECTOS ECONÔMICOS DO ARTESANATO

Com base no exposto, é fundamental analisar a vida econômica dos artesãos. A pesquisa evidencia um cenário complexo nas comunidades estudadas, marcadas por desafios e, ao mesmo tempo, por oportunidades significativas. Para quantificar, foi formulado a seguinte questão: O artesanato é sua principal fonte de renda? Os dados indicam que 78,7% dos respondentes consideram o artesanato como uma fonte complementar ou secundária de renda. Por outro lado, 11,7% pretendem transformar o artesanato em sua principal fonte de renda no futuro. Essas atitudes mostram que ainda há esperança e vontade de valorizar essa atividade.

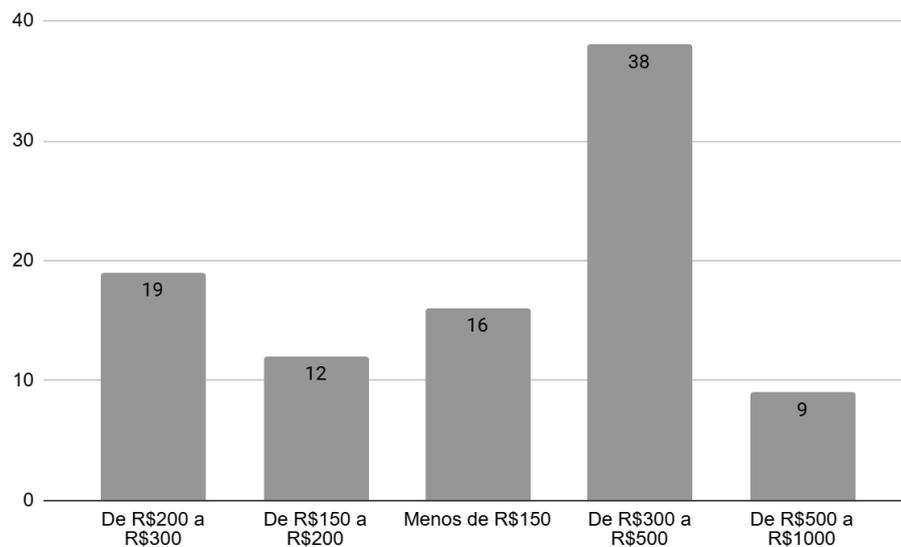
É importante destacar que apenas 5,3% dos respondentes dependem exclusivamente da produção artesanal como sua única fonte de renda. Apesar das dificuldades, observa-se a

importância do artesanato na economia das comunidades indígenas, sendo vista como oportunidade de sustento e expressão cultural.

Após quantificar esses dados, é de extrema relevância questionar: Você consegue sustentar sua família com a renda obtida através do artesanato? A pesquisa revelou que 84% dos respondentes afirmaram que a renda contribui para algumas despesas, mas ainda sim não é suficiente para a subsistência. Outro fator mostra que 6,5% dos artesãos gostariam de viver apenas do artesanato e cuidar da família com esse trabalho. Apenas 4,3% conseguem sustentar completamente suas famílias com a renda proveniente do artesanato. Esses números evidenciam os desafios enfrentados, como a falta de um fluxo constante de vendas. De fato, 70,2% dos artesãos raramente conseguem vender seus produtos, por outro lado, 17% realizam vendas a cada quinze dias, enquanto uma pequena parcela por outro lado 4,3% conseguem realizar vendas diárias.

Além disso, a análise do faturamento mensal revela insights cruciais para as discussões do tema. Observa-se que 40,4% dos artesãos obtêm entre R\$300,00 e R\$500,00 por mês com a venda de seus produtos. Esse valor, embora significativo, ainda é insuficiente para garantir uma vida digna e estável, especialmente considerando as despesas básicas de uma família. Nesse contexto, 20,2% correspondem a um valor médio de vendas, variando entre R\$200 e R\$300,00. As demais obtêm faturamento mensal de R\$150,00, que corresponde a 17% dos respondentes. Por outro lado, 12,8% obtêm entre R\$150 a R\$200,00 com a venda dos artesanatos. Poucos artesãos conseguem alcançar uma renda entre R\$500,00 e R\$1.000,00, representando cerca de 9,6% dos artesãos, o que demonstra as limitações que muitos enfrentam em suas atividades, conforme ilustrada no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Renda mensal com a venda de artesanatos



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Essa realidade econômica dos artesãos, reflete sobre a importância de ter um olhar mais atento para as condições que esses trabalhadores operam. A infraestrutura inadequada e acesso escasso ao mercado são alguns dos obstáculos que limitam o potencial de crescimento e a valorização do artesanato.

Portanto, pode-se perceber que a gestão ordinária e as práticas de trabalho cotidianas dos artesãos são fundamentais para a sua sobrevivência. A forma como eles se organizam, buscam alternativas e se adaptam às adversidades é uma demonstração de resistência e criatividade (Euflausino; Ichikawa, 2022).

A esperança expressa pelos artesãos que desejam transformar o artesanato em sua principal fonte de renda é um sinal de que, apesar dos desafios encontrados, há um potencial significativo para o desenvolvimento dessa atividade.

Com implementação de apoio, seja por meio de políticas públicas, capacitação ou acesso a mercados, é possível melhorar as condições de vida dessas comunidades, além de contribuir para valorização e preservação de suas culturas e tradições. Assim, o artesanato se torna um caminho para a prosperidade e reconhecimento.

4.3 ASPECTOS AMBIENTAIS NO EMPREENDEDORISMO INDÍGENA

No que diz respeito aos impactos ambientais, foi elaborada a seguinte pergunta: “A falta de recursos naturais (como sementes, argila para fazer artesanato) é uma preocupação

para você hoje?”, a fim de compreender as percepções dos artesãos sobre o tema, foram disponibilizadas algumas opções na questão, principalmente por ser um fator que envolve o meio ambiente. Os dados podem ser visualizados na tabela a seguir.

Tabela 3 - Preocupação com recursos naturais hoje

Alternativa:	Frequência:	Porcentagem (%)
Sim, isso atrapalha muito meu trabalho.	42	44,6%
Sim, mas eu consigo resolver de alguma forma.	39	41,48%
Não, isso acontece pouco.	5	5,31%
Não, nunca tenho esse problema.	6	6,38%

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A partir das respostas é possível identificar que a grande maioria demonstra uma preocupação sobre a falta de recursos naturais hoje, o que atrapalha muito no trabalho artesanal. Outra quantidade considerável diz ter a preocupação sobre a questão, mas que de alguma maneira consegue contornar a situação. Em contraste, uma parcela menor enfrenta problemas relacionados à escassez de recursos naturais, que são usados na confecção de seus produtos.

Por conseguinte, foi realizada a pergunta sobre “Você se preocupa com a possibilidade de falta dos recursos naturais (como sementes, argila para fazer artesanato) a longo prazo, considerando futuras gerações?”. Na mesma linha de pensamento da questão anterior, que tratava sobre a escassez de materiais, só que agora considerando o longo prazo, obteve-se um número significativo, onde 91,5% dos respondentes expressou preocupação com esses aspectos e com o impacto que podem ter nas futuras gerações.

Esse alto índice de preocupação destaca a conscientização dos artesãos sobre a importância da sustentabilidade em suas práticas. Sendo assim, é importante reforçar a ideia de que “devem considerar o impacto de suas decisões não apenas no presente, mas também nas gerações futuras, promovendo práticas que assegurem a continuidade dos recursos naturais” (Bocken *et al.*, 2014).

Ainda sobre questões que envolvem o meio ambiente e práticas sustentáveis, foi disponibilizada uma questão: “Sobre a relação do meio ambiente e a produção de artesanato indígena, qual a alternativa considera mais adequada”, onde foram elaboradas algumas frases,

para que os artesãos pudessem marcar aquela à qual se identificava. Segue abaixo a Tabela 4 para melhor compreensão dessa abordagem.

Tabela 4 - Preocupação com recursos naturais no futuro

Alternativa:	Frequência:	Porcentagem (%)
A produção de artesanato indígena contribui para a preservação da cultura e do meio ambiente.	14	14,89%
A produção de artesanato indígena é feita em pequenas quantidades, respeitando o meio ambiente.	12	12,76%
A produção de artesanato indígena valoriza técnicas ancestrais que respeitam o meio ambiente.	19	20,21%
A produção de artesanato indígena reflete o direito dos povos originários de utilizar os recursos naturais de seus territórios de forma sustentável.	48	51,06%
A produção de artesanato indígena em grande quantidade pode prejudicar o meio ambiente.	1	1,06%

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

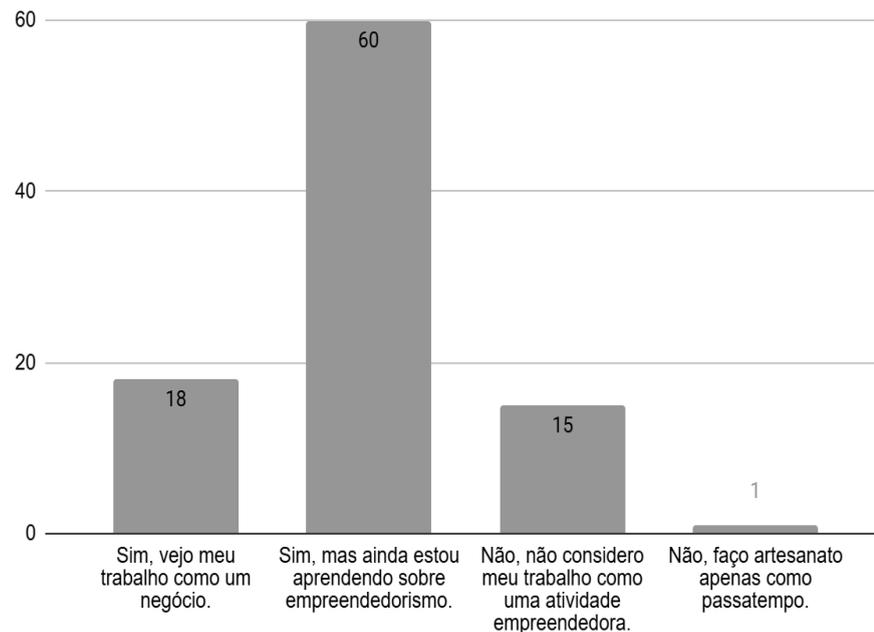
Essas respostas ressaltam a importância da preservação ambiental e do respeito aos direitos dos povos indígenas na prática artesanal.

4.4 ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS NO EMPREENDEDORISMO INDÍGENA

A cultura indígena é uma expressão de identidade, onde a criação milenar se interliga com a espiritualidade, história e a conexão com o meio ambiente. Busca-se entender de que modo os artesãos enxergam seu próprio trabalho.

Quando questionados sobre “Você, enquanto artesão/artesã, se considera um empreendedor?”, mais da metade dos respondentes, com cerca de 63,8%, afirmou que se considera um empreendedor, embora ainda esteja em processo de aprendizado sobre o empreendedorismo. Além disso, 19,1% dos entrevistados se identificam como empreendedores e enxergam o trabalho com artesanato como um negócio. Em contraste, 16% não consideram o trabalho artesanal uma prática empreendedora. Por fim, apenas 1,1% dos respondentes disse que não se vê como um empreendedor e realiza artesanatos apenas por passatempo. Essa distribuição pode ser visualizada a partir do gráfico a seguir.

Gráfico 6 - Percepção sobre identidade empreendedora



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Essa variedade de respostas reflete diferentes percepções dos artesãos, no que diz respeito a ser empreendedor, possivelmente atrelada a uma compreensão ainda em desenvolvimento sobre o conceito.

A partir desse contexto, foram levantadas questões sobre: Você já participou de algum treinamento ou capacitação voltada ao empreendedorismo?. De acordo com os dados coletados, 54,3% dos participantes relataram que nunca participaram dessas ações, mas demonstraram interesse em futuras iniciativas. Por outro lado, 21,3% já participaram de alguns treinamentos, enquanto 12,8% participaram apenas uma vez. Apenas 11,7% indicaram que nunca tiveram a chance de participar de qualquer treinamento ou capacitação. Dessa forma, é importante que as políticas públicas ofereçam programas de capacitação que estejam alinhados às realidades das comunidades indígenas, de modo que promova a autonomia econômica e o desenvolvimento local.

Um aspecto fundamental destacado pelos artesãos é a relevância do artesanato na cultura das comunidades. Os dados revelam uma percepção significativa sobre essa questão. Identificamos que 54,3% acredita que o artesanato é essencial para ensinar às novas gerações sobre a cultura indígena. Em seguida, 53,2% veem o artesanato como um papel crucial na preservação das tradições culturais.

Além disso, 46,8% dos respondentes afirmaram que o artesanato promove o orgulho da identidade de um povo, enquanto 22,3% consideraram que ele aumenta o interesse pelas

práticas culturais. Esses dados destacam a importância do artesanato como para a preservação e uma maneira de transmitir conhecimentos culturais.

4.5 PERCEPÇÃO DO MERCADO E PRÁTICAS DE COMERCIALIZAÇÃO

Quanto à percepção dos artesãos relacionado à valorização das peças de artesanato no mercado, foram identificados que 75,5% dos respondentes afirmam que as peças são valorizadas, embora acreditam que poderiam receber um reconhecimento ainda maior. Em contraste, 13,8% consideram que suas obras são pouco valorizadas e enfrentam dificuldades para vendê-las. Apenas 5,3% dos respondentes acreditam que suas peças são bem valorizadas e reconhecidas de forma significativa no mercado. Além disso, 3,2% afirmaram que suas criações não são valorizadas e que também enfrentam desafios na venda. Vale destacar o comentário de um dos participantes: "na comunidade local é pouco valorizada, mas com o público externo ela é mais valorizada" (Artesão nº7, novembro 2024) . Essas informações refletem a complexidade da valorização do artesanato e a necessidade de maior reconhecimento e apoio para esses artistas, conforme ilustrado na tabela a seguir.

Tabela 5 - Percepções sobre a valorização das peças artesanais

Alternativa:	Frequência:	Porcentagem (%)
Muito valorizadas, com reconhecimento significativo de mercado.	5	5,3%
Valorizadas, mas poderiam ser mais reconhecidas.	71	75,5%
Pouco valorizadas, tenho dificuldade para vender	13	13,8%
Não valorizadas, tenho dificuldade para vender.	3	3,2%
Não sei responder.	1	1,1%
Outros: na comunidade local é pouco valorizada, só que para o público externo ela vem ser mais valorizada.	1	1,1%

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Na mesma linha da questão anterior, ao avaliar o preço de suas peças de artesanato, 63,8% dos artesãos afirmaram que consideram o preço bom, embora acreditam que poderia ser mais valorizado. Por outro lado, 18,1% disseram que o preço é justo, mas que as pessoas

não estão dispostas a pagar por ele. Já 11,7% dos entrevistados consideram o preço justo e afirmam que os consumidores estão dispostos a pagar. Além disso, 5,3% opinaram que o preço é baixo e não reflete o trabalho que é realizado. Apenas 1,1% dos respondentes indicaram que não sabem como responder a essa questão. Segue a tabela com esses dados.

Tabela 6: Percepções sobre o preço do artesanato

Alternativa:	Frequência:	Porcentagem (%)
O preço é justo e as pessoas estão dispostas a pagar.	11	11,7%
O preço é bom, mas poderia ser um pouco mais valorizado.	60	63,8%
O preço é baixo e não reflete o trabalho que faço.	5	5,3%
O preço é justo mas as pessoas não estão dispostas a pagar.	17	18,1%
Não sei responder.	1	1,1%

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Quando comparada, às duas questões sobre a valorização das peças e as percepções em relação ao preço, é observado que existe um dado positivo, que está caminhando para a melhoria no que diz respeito ao papel e importância do artesanato, principalmente por ser uma prática cultural, que inclui um saber milenar, onde a produção provém de materiais da natureza e demanda um certo tempo a ser produzido, o que consequentemente reflete sua precificação. Contudo, ainda existem indivíduos que acabam não aceitando o preço das peças artesanais, o que é visualizado nas respostas, onde o preço é justo, mas as pessoas não estão dispostas a pagar.

Se tratando da divulgação dos produtos artesanais, uma das questões abordou “Seu produto é vendido pela internet em plataformas digitais (redes sociais)?”. Os resultados estão distribuídos na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7 - Comercialização de produtos em plataformas digitais

Alternativa:	Frequência :	Porcentagem (%)
Sim, eu realizo vendas pela internet.	46	48,9%
Não é vendido pela internet.	30	31,9%
Sim, mas é realizada por terceiros (projeto e outras instituições)	14	14,9%
Outros: - às vezes por encomenda no whatsapp - minha filha publica nas redes sociais para mim - pessoalmente - Sim , eu posto as fotos no status do whatsapp	4	4,4%

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os resultados mostram que a grande parcela dos pesquisados realizam vendas de seus produtos pela internet, fato esse que se deve pela disponibilidade de ferramentas digitais, na qual as plataformas online, tal como WhatsApp têm sido algumas das alternativas, considerando que não possuem loja físicas, então essa ferramenta acaba sendo um facilitador para divulgar suas produções, além de alcançar um público mais amplo. E isso é um fator importante a ser destacado, porque a partir do comércio eletrônico, é possível também garantir que as peças indígenas possam ser divulgadas e ter maior acessibilidade em qualquer parte do mundo.

Esses dados podem ser correlacionados com a última pesquisa realizada pelo IBGE, onde foi detectado que o número de pessoas que utilizam a internet para vender seus produtos teve um aumento de 79,2% entre 2019 e 2022 (IBGE, 2022).

No mesmo contexto, foi perguntado “Quais são os três principais meios de comercialização dos seus produtos?”, as informações coletadas podem ser observadas com a Tabela 8.

Tabela 8 - Principais meios de comercialização

Alternativa:	Frequência:
Vendas para pessoas da própria aldeia/comunidade.	78
Vendas para pessoas de outras regiões do país (turistas).	63
Exposições culturais ou eventos.	51
Feiras locais.	31
Vendas para pessoas de cidades próximas.	30
Plataformas online, internet.	25
Vendas para revendedores.	19
Lojas físicas.	1
Outros: vendo mais em abril	1

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao analisar a tabela acima, é possível ver que uma quantidade significativa vende seus produtos diretamente dentro de suas próprias aldeias, seguida por um número expressivo de pessoas onde o maior número de vendas é direcionada aos turistas que vêm de outras regiões

do país. Isso pode ser associado de acordo com o estudo realizado por Violin, onde diz que esse tipo de contato com os turistas “figura um ritual de troca cultural que pode refletir a história e conter valores do patrimônio material ou imaterial que representa” (Violin, 2022, p.577), ou seja, isso é fator importante para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades indígenas, tanto para geração de renda, quanto para uma das formas de preservação e perpetuação de seus saberes culturais.

É notório também a importância da participação em exposições culturais e eventos, pois acaba sendo um meio para realizar uma boa venda e de expor suas produções para um público maior. Uma das respostas que diz “vendo mais em abril” se deve ao fato de que nesse mês é comemorado o dia dos povos originários, logo, é uma data em que existe a procura pelos artesanatos indígenas.

Quando se trata da logística e do transporte na venda de artesanatos, foi abordada a questão “Quais dificuldades você enfrenta com a logística e transporte na venda de seus produtos de artesanato?”, as afirmações são descritas na Tabela 9.

Tabela 9 - Questões sobre logística e transporte

Alternativa:	Frequência:
Não sei responder	38
Falta de transporte próprio.	31
Custo alto de transporte.	24
Não realizo o envio de peças.	12
Danos aos produtos durante o transporte.	10
Dificuldade para embalar os produtos.	10
Poucas opções de transporte confiáveis.	9
Dificuldade de rastrear o produto.	6
Atraso na entrega.	1
Outros: não tenho nenhuma dificuldade.	1

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

O resultado desses dados pode ser analisado realizando uma correlação entre a questão anterior, onde foi visualizado que a grande maioria realiza a venda para as pessoas da própria comunidade e para os turistas. Sendo assim, uma grande parcela marcou a opção “não sei responder” devido esse fator, pois muitos provavelmente nunca realizaram qualquer tipo de venda que não fosse presencial.

Na mesma ótica, foi constatado que existe também um número considerável de pessoas que vendem pela internet, o que justifica a dificuldade vivenciada por alguns artesãos, onde é evidenciado a dor referente ao custo ao de transporte, questões sobre danos dos produtos durante o transporte, o que pode ser alinhada com a dificuldade de embalar os produtos, e outro problema identificado é a falta de transporte próprio, o que acaba limitando o artesão a vender suas peças.

Três questões discursivas foram formuladas ao final para tentar identificar uma possível hierarquia de importância sobre os principais significados de suas práticas relacionadas ao artesanato. A primeira questionava: “Na sua opinião, o artesanato é mais importante para gerar renda ou para preservar e fortalecer a cultura da sua comunidade? Porquê?”. A segunda era sobre “Na sua opinião, de que maneira artesanato é importante para promover a proteção do meio ambiente?”. A terceira: “Gostaria de compartilhar algum relato ou experiência, algo que você considera importante ou que não foi abordado nas questões anteriores?”.

Essas questões abertas dos respondentes estão codificadas de acordo com o número de resposta registrada pelo próprio *Google Formulário*, variando de 1 a 94 entre os participantes. Para análise de conteúdo da primeira questão considerou os seguintes critérios de classificação:

a) Perspectiva predominante Cultura:

“O artesanato é mas importante para **preservamos e para o fortalecimento da nossa cultura!** Porque na minha comunidade já não falamos a nossa língua, então a forma de mantermos nossa cultura é o artesanato.” (Artesão nº2, novembro de 2024).

“O Artesanato é importante para o **fortalecimento da nossa cultura, valorização dos saberes ancestrais** que são transferidos a cada geração. (Artesão nº10, novembro de 2024).

“Eu vejo como algo que ajuda a preservar e fortalecer nossa cultura porque somos poucos aqui ainda. Sempre estamos lutando pelo nosso território, **nossos artesanatos são algo importante, pois mostra quem somos, de onde viemos, é pra nos identificar.**” (Artesão nº37, novembro de 2024).

“**Nossos artesanatos terena são únicos e que carregam significado do nosso povo, da nossa cultura.**” (Artesão nº48, novembro de 2024).

“Os artesanatos que fazemos representa a nossa cultura, o nosso jeito de ser. **Quando uma pessoa vê uma arte já reconhece qual povo pertence.** O artesanato é **símbolo de identidade, representa a história de um povo, os traços são únicos de cada etnia.**” (Artesão nº49, novembro de 2024).

“eu como ancião vejo que é mais para fortalecer e preservar nossa cultura como terena, porque hoje em dia os jovens estão deixando de lado, então **buscar preservar para essa tradição nossa não morrer.**” (Artesão nº65, novembro de 2024).

b) Perspectiva predominante Renda:

“O meu trabalho com artesanato me **ajuda em casa** quando preciso de alguma coisa, pagar contas, comidas” (Artesão nº25, novembro de 2024).

“Na minha opinião, hoje em dia, trabalhar com artesanato é um **meio de sobrevivência** para muitas pessoas da minha comunidade” (Artesão nº29, novembro de 2024).

“**ajuda as pessoas que não tem trabalho fixo a se sustentar**” (Artesão nº57, novembro de 2024).

“**hoje em dia o artesanato ajuda muitas pessoas como eu a ter uma renda extra.**” (Artesão nº85, novembro de 2024).

“O artesanato é uma fonte **de renda** importante, pois **atrai turistas** de várias regiões do Brasil, a gente consegue vender nossas peças com isso. Ajuda na renda extra.” (Artesão nº86, novembro de 2024).

c) Ambos integrados:

“Acredito que **ambas opções estão integradas** de alguma forma visto que, é de fato uma forma de preservar e colaborar com a manutenção da identidade viva e, além de ser uma fonte de renda.” (Artesão nº7, novembro de 2024).

“É importante para **gerar renda**, mas também ajuda a **preservar a cultura** através de peças únicas e que usam sementes naturais.” (Artesão nº18, novembro de 2024).

“Pra mim é os dois, pois quando estou trabalhando tiro os materiais da própria natureza, uso argila para fazer minha cerâmica. Mas também estou tendo uma **renda extra** ao vender minha peça” (Artesão nº24, novembro de 2024).

“Pra mim é importante para as duas coisas. Uma é sobre **ajuda financeira** e a outra é na **valorização da cultura.**” (Artesão nº31, novembro de 2024).

“das **duas maneiras**, pois o empreendedorismo nos leva a **alavancar e valorizar a cultura do povo indígena.**” (Artesão nº73, novembro de 2024).

“acho que os dois, forma de **ganhar dinheiro**, mas também nos **conecta com nossas raízes.**” (Artesão nº79, novembro de 2024).

As análises permitiram identificar que questões referentes à importância do artesanato como forma de preservação cultural possuem maior frequência. Os pesquisados reforçam a ideia de que o artesanato é algo que é passado de geração em geração, e eles expressam o quanto isso é crucial para garantir que as pessoas mais jovens continuem reafirmando os saberes ancestrais de suas comunidades, visto que foi relatado que a língua materna está sendo apagada, por isso a preocupação em manter viva suas tradições.

Na sequência, é representado também o quanto os produtos artesanais indígenas são essenciais para algumas pessoas, principalmente aquelas que não tem um emprego fixo, essa atividade possibilita que tenham uma renda extra ao produzir e comercializar as suas artes. É evidente que o artesanato ajuda nas despesas de cada um dos pesquisados. Entretanto, existem

situações em que ambas se complementam, não só focando em uma única vertente, mas buscando uma ligação entre a renda e a cultura.

Dando continuidade, a penúltima questão abordou a pergunta: “Na sua opinião, de que maneira artesanato é importante para promover a proteção do meio ambiente?”. O objetivo é identificar os principais aspectos ligados ao meio ambiente e práticas sustentáveis. Serão descritos alguns dos relatos dos pesquisados sobre a percepção acerca do tema.

a) Perceptivas acerca do meio ambiente:

“Respeitando na hora da colheita das sementes, e **buscar a reflorestamento** das nossas s materiais prima como sementes.” (Artesão nº8, novembro de 2024).

“No meu caso que uso a folha de carandá , já tenho um **espaço para o plantio** dentro da área da aldeia.” (Artesão nº16, novembro de 2024).

“E muito importante por que uso sementes que vem da natureza e muitas vezes que tem na minha casa porque eu **planto o pé da semente**” (Artesão nº25, novembro de 2024).

“Eu, por exemplo, quando faço vasos, uso barro que vem da terra. É isso que o artesanato traz, essas vantagens, você gasta tempo, se dedica pra sair algo bonito. **Tudo da terra**, nada que vem de fora.” (Artesão nº25, novembro de 2024).

“Todo artesanato extraído da Natureza é essencial para ela porém, todos quando são retirados da mata, seguimos costumes tradicionais para a preservação do meio ambiente, como por exemplo **conversar com a mãe natureza e terra mãe**, além de **plantar** pois, sabemos que serão árvores necessárias para a produção de artesanatos.” (Artesão nº45, novembro de 2024).

“Somos **protetores e guardiões da floresta**, hoje eu participo de um grupo sobre temáticas ligadas à agroecologia indígena, e sempre comentamos a importância de preservar a natureza nos nossos territórios indígenas.” (Artesão nº55, novembro de 2024).

A partir das contribuições dos comentários no que se refere o cuidado com o meio ambientes e as boas práticas para garantir a sustentabilidade, foi analisado que todos os artesãos demonstram essa preocupação, motivo que se deve ao fato dos materiais para a produção dos artesanatos serem retirados diretamente da natureza, tais como o barro e as sementes.

Foi reforçado a ideia de plantar essas sementes, para garantir que não sejam extintas. Além disso, foi retratado que existe uma conexão forte com a mãe natureza e a terra, e que antes de realizar a extração dos materiais é necessário pedir permissão para sua retirada. Alguns mencionaram que já realizam cursos que envolvem agroecologia indígena, isso

demonstra ainda mais o quanto é importante que o artesão seja um agente de mudanças, para que assim ajude a manter vivo a cultura de seu povo e a adotar práticas sustentáveis.

Na última questão, sobre “Gostaria de compartilhar algum relato ou experiência, algo que você considera importante ou que não foi abordado nas questões anteriores?”, que era de caráter aberto, teve participação de 41 artesãos, o que se considerou muito relevante para a contribuição deste trabalho. Essa questão convidava os artesãos a compartilhar experiências, comentar sobre aspectos que consideram importantes ou abordar temas que não estavam incluídos nas perguntas anteriores. A partir da análise das respostas, pode-se observar que uma das questões mais levantadas estava direcionada o quanto o artesanato é importante para a transmissão de conhecimento cultural, onde os respondentes demonstram-se esperançosos em dar continuidade ao trabalho artesanal, para que assim, a nova geração possa garantir a perpetuação desses conhecimentos e deem continuidade a manutenção da identidade cultural de suas comunidades, isso pode ser observado a partir dos relatos abaixo.

a) Relatos e experiências:

“Eu quero compartilhar com todos sobre as questões dos materiais do artesanato hoje em dia, porque **a dificuldade é as queimadas no meio ambiente onde perdemos várias matérias primas**, como sementes, palhas, e até mesmo as cerâmicas.” (Artesão nº5, novembro de 2024).

“**Buscar mais parceiros** para promover cursos, e identidades governamentais e não governamentais. E fazer intercâmbios entre outras etnias e de outros estados.” (Artesão nº8, novembro de 2024).

“**As crenças de meus avós já não são praticadas. E quero que as pessoas respeitem o Deus indígena. Respeitem a Natureza.** Não é interessante matar animais para artesanato ou cortar árvores para o artesanato. Assim imagino que não é mais preservação. Devemos fazer as coletas conscientes na Natureza.” (Artesão nº16, novembro de 2024).

“**Aqui onde a gente mora é um lugar afastado**, que recebe poucos turistas, pessoas de fora. **Eu queria que a gente tivesse mais visitas**, para poder vender nossos produtos que estão parados.” (Artesão nº35, novembro de 2024).

“Uma das coisas que enfrentamos é **a falta de espaço para vender nosso artesanato** e isso acaba desanimando.” (Artesão nº83, novembro de 2024).

“Seria bom se a gente tivesse mais **apoio de órgãos públicos** para fazer nossos artesanatos, pois nem todos têm condição de adquirir as ferramentas necessárias.” (Artesão nº84, novembro de 2024).

A grande maioria ressalta a falta de apoio e oportunidades no setor do artesanato indígena. Uma das principais dificuldades identificadas é a ausência de espaços adequados para a comercialização de seus produtos. A busca por apoio e reconhecimento é fundamental para garantir maior visibilidade e valorização dos artesanatos indígenas. Outro ponto destacado foi a frustração de muitos artesãos em relação à falta de valorização e

reconhecimento de seus produtos. Apesar do tempo e esforço dedicados à produção artesanal, muitos sentem que seu trabalho não recebe a devida apreciação, o que desmotiva muitos deles a continuar criando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou conhecer a percepção dos artesãos indígenas com relação aos aspectos socioambientais, ambientais e econômicos, alinhando a prática do empreendedorismo indígena na região de Aquidauana e Miranda, Mato Grosso do Sul.

Através da metodologia utilizada, com a coleta de dados primários, a partir da aplicação do questionário, foi essencial para ter uma base numérica e das características dos artesãos indígenas, uma vez que existia uma ausência dessas informações. Sendo assim, com resultados obtidos foi fundamental identificar os principais desafios vivenciados pelos pesquisados.

Com base nos dados sociodemográficos, foi possível entender o perfil dos artesãos indígenas, visto que, nessa seção foram abordadas questões sobre município e aldeia de origem, o que possibilitou identificar as características iniciais dos pesquisados. A partir disso, foi constatado que a grande maioria pertence à etnia Terena, seguida por uma pequena parcela da etnia Kinikinau, e que 63,8% são do gênero feminino, o que acaba influenciando nas perspectivas e experiências dos participantes, no que diz respeito ao empreendedorismo indígena. Sobre a carteira do artesão, muitos responderam que possuem, e que se torna uma ajuda para dar mais reconhecimento em suas atividades. E quanto ao tempo de experiência, uma parcela significativa trabalha com artesanatos numa média de 6 a 10 anos, produzindo peças como cerâmicas, bijóias, artesanato em palha, vestuário e objetos decorativos.

Na seção sobre aspectos econômicos do artesanato, os dados indicaram que a produção artesanal é uma fonte de renda complementar/secundária, sendo vista como uma oportunidade de sustento familiar e uma forma de expressão cultural. Além disso, os resultados demonstram que a renda média mensal com os artesanatos indígena está em torno de R\$300,00 a R\$500,00, embora não seja um valor alto, é um fator que acaba contribuindo para as despesas de muitos artesãos. Isso reflete o quão é importante olhar com mais atenção sobre a condição que muitos ainda enfrentam.

As observações a respeito dos aspectos ambientais, revelaram a preocupação com as questões ambientais, uma vez que, a maior parte da matéria-prima é extraída da natureza, o

que demonstra essa atenção maior, porque se não forem usadas da maneira correta, corre o risco desses materiais serem escassos no futuro. É notável a ideia que reforça a conexão entre o meio ambiente e a prática artesanal, pois muitos relataram a importância de cuidar da terra e da natureza, e outros até mencionaram que participam de cursos referentes a essa temática, das práticas sustentáveis.

Nos aspectos sociais e culturais, é evidenciado que os artesãos se consideram empreendedores, e que veem o trabalho artesanal como um negócio, e que desejam participar de capacitações que abordem o assunto sobre o empreendedorismo. Ainda nesse contexto, foi constatado que existem lacunas no que diz respeito a valorização e precificação das peças artesanais no mercado. Sendo assim, a implementação de ações estratégicas é um dos caminhos para fortalecer o empreendedorismo indígena, com a oferta de capacitações, melhoria no acesso a mercados e a criação de políticas públicas que incentivem e valorizem o trabalho artesanal indígena.

Quanto à comercialização, muitos artesãos realizam a venda através da internet, porém a maior parte é vendido para membros da própria comunidade. Isso pode ser relacionado ao fato de terem dificuldades na logística, por questões referentes ao custo, falta de transporte e dificuldades ao embalar os produtos, o que acaba causando danos durante a viagem. A partir disso, é possível ver que existe uma dificuldade muito grande desses produtos alcançarem lugares mais amplos, o que afeta na visibilidade das peças no mercado.

Este trabalho reafirma a importância do artesanato indígena não apenas como uma atividade econômica para geração de renda, mas como uma ferramenta de resistência cultural e de conservação ambiental, imprescindível para o fortalecimento das comunidades indígenas e para a manutenção de suas identidades.

O trabalho contribui ao fornecer os resultados obtidos durante a pesquisa, o que pode servir como base para novas investigações acerca do tema sobre empreendedorismo indígena. Também é uma contribuição valiosa aos artesãos indígena, ao apresentar insights sobre o artesanato.

Como sugestão para novos trabalhos acadêmicos, propõe-se um estudo sobre o empreendedorismo indígena em outras regiões do município do Mato Grosso do Sul ou da região Centro-Oeste. Além do aprofundamento das análises apresentadas, em uma outra perspectiva.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; NUNES, Nina Lys. Tecendo a tradição e valorizando o conhecimento tradicional na Amazônia: o caso da "linha do tucum". **Horizontes antropológicos**, v. 18, p. 15-43, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/rbMTdwRyC3GxYLDW978cpsC/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 10.jun.2024

ALBAGLI, Sarita. **Conhecimento, inclusão social e desenvolvimento local**. Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 2, p. 17-22, 2006. Disponível em: <<http://www.ridi.ibict.br/bitstream/123456789/100/1/albagliIS122006.pdf>>. Acesso em: 09 abr.2024.

ALVES, Gilberto Luiz. **O artesanato em Mato Grosso do Sul**. 2009. Disponível em: <<https://icgilbertoluizalves.com.br/imagens/galeriapdf/alves-gilberto-luiz-o-artesanato-em-mato-grosso-do-sul200944.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento. **Núcleo de Pesquisa da FINAN**, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012. Disponível em: <<https://www.uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170602115149.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015. Disponível em: <<https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistas/article/view/612/522>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

BALTAZAR, Paulo; MONDARDO, Marcos; FIALHO, Celma Francelino. Etnogeografia Terena: terra e território. **ENTRE-LUGAR**, v. 14, n. 27, p. 191-207, 2023. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/view/16320/9655>>. Acesso em: 15 abr.2024.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/a%20historia%20do%20povo%20terena.pdf>>. Acesso em 15 nov.2024

BRASIL, Empreendedorismo. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Relatorio-Executivo-GEM-BR-2023-2024-Diagramacao-v5.pdf>>. Acesso em: 15 out.2024.

BRASIL. **Decreto no 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 09 abr. 2024.

BRASIL. **Portaria nº1.007, de 11 de junho de 2018 - Ministério da indústria, comércio exterior e serviços**. Secretaria especial da micro e pequena empresa. Disponível em: **PORTARIA Nº 1.007-SEI, DE 11 DE JUNHO DE 2018 - Imprensa Nacional**. Acesso em: 20

nov.2024

BRIEDIS, F. C.; LENZI, G. G. A Produção Artesanal Indígena: Percepções Econômica, Financeira e Produtiva. In: **XI Congresso Brasileiro de Engenharia de Produção–ConBRepro**. 2021.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; PERDIGÃO, Denis Alves; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 49, p. 698-713, 2014.

CENSO 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>>. Acesso em: 18 out.2024.

CHAVES, Franceline Albuquerque; ALVES, Gilberto Luiz; MATIAS, Rosemary. A Produção da Cerâmica Terena na Aldeia Cachoeirinha em Miranda, MS. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 73–80, 2019. DOI: 10.17921/2447-8733.2019v20n1p73-80. Disponível em: <<https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/6806>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Convenção nº 169 da OIT - Povos Indígenas e Tribais - Agência Nacional de Transportes Terrestres - ANTT. Disponível em: <<https://portal.antt.gov.br/conven%C3%A7ao-n-169-da-oit-povos-indigenas-e-tribais>>. Acesso em: 15 out. 2024.

Convenção nº169, em língua Terena. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/legislacao-indigenista/legislacao-fundamental/convencao-n-169-terena.pdf>>. Acesso em 18 out.2024

COONEY, Thomas M. (Ed.). **O Manual Palgrave de Empreendedorismo Minoritário**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/978-3-030-66603-3>>. Acesso em: 15 out. 2024.

CORREIA, Dandara Lopes. Saberes tradicionais: processo de ensino e aprendizagem dos empreendedores da cooperativa de etnodesenvolvimento KITAANDA BANTU. **Revista Educação e Ciências Sociais**, v. 2, n. 2, p. 41-61, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/cienciassociais/article/download/6563/4956/0>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

DA SILVA, Elder Campos. A incubadora amazonas indígena criativa–amic como ambiente de aprendizagem organizacional para acadêmicos do curso de administração. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas**, v. 2, n. 02, p. 156-169, 2017.

DA SILVA, Marcos Pereira; DE ALMEIDA, Severina Alves. Empreendedorismo indígena no Tocantins: um estudo com a comunidade Apinajé da aldeia São José. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 10, 2019.

DA SILVA, Mariana Santos; LASSO, Sarah Venturim; MAINARDES, Emerson Wagner. Características do empreendedorismo feminino no Brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 2, p. 150-167, 2016.

DA SILVA, Mariana Santos; LASSO, Sarah Venturim; MAINARDES, Emerson Wagner. Características do empreendedorismo feminino no Brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 2, p. 150-167, 2016.

DA SILVA, Midiã Naamã Conceição et al. Empreendedorismo indígena: uma revisão de literatura. **Revista de Empreendedorismo, Negócios e Inovação**, v. 7, n. 1, p. 04-25, 2022.

DANA, Léo-Paul; RATTEN, Vanessa. International entrepreneurship in resource-rich landlocked African countries. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 15, p. 416-435, 2017.

DANA, Léo-Paul. Indigenous entrepreneurship: An emerging field of research. **International Journal of Business and Globalisation**, v. 14, n. 2, p. 158-169, 2015.

DAVEL, Eduardo; CORA, Maria Amélia Jundurian. Empreendedorismo cultural: cultura como discurso, criação e consumo simbólico. **Políticas Culturais em Revista**, v. 9, n. 1, p. 363-397, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/10035/13317>>. Acesso em 09 abr. 2024.

DE CARVALHO BRIEDIS, Franciele; LENZI, Giane Gonçalves. **A Produção Artesanal Indígena: Percepções Econômica, Financeira e Produtiva.**

DE CASTRO, Maria Luiza Almeida Cunha. Entre arte e indústria: o artesanato em suas articulações com o design. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 102, p. 89-96, 2009.

DE JESUS, Diego Santos Vieira. Economia criativa e resistência: o artesanato indígena no Estado do Rio de Janeiro. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 53, n. 2, p. 349-362, 2017.

DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. Metodologia da pesquisa científica e acadêmica. **Revista OWL (OWL Journal)-Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, v. 1, n. 2, p. 149-159, 2023.

DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. Metodologias e classificação das pesquisas científicas. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 5, n. 8, p. e585584-e585584, 2024.

DEPARTAMENTO DE SAÚDE INDÍGENA DO MATO GROSSO DO SUL. **Relatório situacional do Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena de Mato Grosso do Sul.** Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/chamamentos-publicos/2023/chamamento-publico-sesai-no-5-2023/anexo-xxxvii-relatorio-situacional-dsei-mato-grosso-do-sul.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo - Transformando Ideias em Negócios.** Grupo GEN, 2023. E-book (1 p.). ISBN 9786559774531. Acesso em: 05 abr. 2024.

DOS SANTOS, Laís Gabriele Soares; FONTE, Tamires Matias; SANTANA, Elizângela Leão. Empreendedorismo feminino na boca do acre-am: transformando oportunidades em sucesso. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 51, p. 1-20, 2024.

EBERT, Marcelo. Empreendedorismo sustentável. *GV Executivo*, São Paulo, v. 5, pág. 37-41, pronto/desligado. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/view/72919/70107>. Acesso em: 27 nov. 2024

EUFLAUSINO, Mariana Aparecida; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. Subespécies de Capital Simbólico no Contexto da Gestão Ordinária. **Organizações & Sociedade**, v. 29, p. 569-593, 2022.

Filardi, F., Delarissa Barros, F., & Fischmann, AA (2014). Do homo empreendedor ao empreendedor contemporâneo: evolução das características empreendedoras de 1848 a 2014. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, 13 (3), 123-140.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. SEBRAE. **Pesquisa GEM**. Disponível em: <<https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Relatorio-Executivo-GEM-BR-2023-2024-Diagramacao-v5.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues. **Metodologias e classificação das pesquisas científicas**. recima21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 5, n. 8, p. e585584, 2024. DOI: 10.47820/recima21.v5i8.5584. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/5584>>. Acesso em: 14 out. 2024.

HARTLEY, John; SILING LI, Henry; WEN, Wen. **Creative economy and culture: Challenges, changes and futures for the creative industries**. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) - **Os Indígenas no Censo 2022**. IBGE - EDUCA, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas#:~:text=Em%202022%2C%20o%20n%C3%BAmero%20de,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20total%20do%20pa%C3%ADs>>. Acesso em: 03 nov.2024

LARA, Camila de BQ. O processo de formação do povoado de Dourados/MS: história e memória (final do século XIX-início do século XX). **XIII-Encontro Regional de História. História e democracia: possibilidades do saber histórico**, 2016.

MATO GROSSO DO SUL. **Decreto n. 12.847**, de 16 de novembro de 2009. Diário Oficial do Estado do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, n. 7.584, 16 nov. 2009. Seção 1, p. 2.

METODOLOGIAS E CLASSIFICAÇÃO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS. RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 5, n. 8, p. e585584, 2024. DOI: 10.47820/recima21.v5i8.5584. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/5584>>. Acesso em: 04 nov. 2024.

MORHY, Priscila Eduarda Dessimoni. **Empreendedorismo indígena: gestão e sementes da biodiversidade**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Universidade Federal de Amazonas, 2023. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9860>>. acesso em: 05

abr. 2024.

NEVES, Joyce Neri dos Reis; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. Cultura, territorialidade e empreendedorismo: balanço e proposições para pesquisas futuras. **Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, 17. Universidade Federal da Bahia - Salvador, 2021. Disponível em: <<https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/131221.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Convenção nº 169 sobre povos indígenas e tribais**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm#anexo72>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

PADILLA-MELÉNDEZ, A.; PLAZA-ANGULO, J. J.; DEL-AGUILA-OBRA, A. R.; CIRUELA-LORENZO, A. M. Indigenous Entrepreneurship: Current issues and future lines. **Entrepreneurship & Regional Development**, Málaga, Espanha, v. 34, n. 1-2, p. 6–31, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/08985626.2021.2011962>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

PARENTE, Cristina et al. Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. 2011. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61185/2/cparenteempreendedorismo000151867.pdf>>. Acesso em: 12 nov.2024

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSTOW, Walt Whitman. **Etapas do desenvolvimento econômico**. tradução, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1964.

RUEDA-RODRÍGUEZ, Héctor Fernando; GONZÁLEZ-CAMPO, Carlos Hernán. Emprendimiento endógeno en comunidades indígenas del suroccidente colombiano. **Revista EAN**, n. 90, p. 85-100, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-81602021000100085&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 abr. 2024.

SCHUMPETER, Joseph. **O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico**. A Teoria do Desenvolvimento Econômico Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985

SILVA, Marcos Fernandes. "A epistemologia da economia teórica de Schumpeter". *Revista de Economia Política*, n. 22, janeiro, 2002.

SILVESTRE, Ronie Peterson; DE FÁTIMA FONTANA, Rosislene. Turismo indígena no Brasil: uma revisão bibliográfica de pesquisas publicadas no período de 1999-2021. **PASOS Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**, v. 21, n. 3, p. 487-501, 2023.

TAMTIK, Merli. Informing Canadian innovation policy through a decolonizing lens on indigenous entrepreneurship and innovation. **Canadian Journal of Higher Education**, v. 50, n. 3, p. 63-78, 2020. Disponível em: <<https://www.erudit.org/en/journals/cjhe/2020-v50-n3-cjhe05858/1075535ar.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

TONETTO, Leandro Miletto; BRUST-RENCK, Priscila Goergen; STEIN, Lilian Milnitsky; Perspectivas Metodológicas na Pesquisa Sobre o Comportamento do Consumidor. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 1, pág. 1-10, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/b4YYN9wycwMHNhdMn9dVXsv/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em: 14 out. 2024.